

ISCTE  **IUL**
Instituto Universitário de Lisboa

Departamento de Sociologia e Políticas Públicas

Ano Letivo 2015/2016

A Geopolítica e a votação no Festival Eurovisão da Canção:
Análise ao impacto da introdução do modelo misto de votação sobre fatores intrínsecos
e extrínsecos ao certame musical europeu (2004-2015)

Tiago Filipe Rodrigues Batista

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação

Orientação Professora Doutora Susana Santos,

Professora Auxiliar Convidada do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro 2016

Agradecimentos

A realização desta dissertação não se deveu apenas ao meu esforço e dedicação, mas também do contributo de várias pessoas. Em primeiro lugar, queria agradecer à minha família, principalmente aos meus pais, pelo suporte que me deram durante todo o meu percurso universitário (licenciatura e mestrado). É muito por eles que esta dissertação conseguiu chegar a bom porto.

Queria agradecer também à minha colega e amiga Ana, pelo grande auxílio que me prestou durante a realização deste trabalho, assim como pela força e alento que sempre me transmitiu. Obrigado principalmente pela paciência e pelo tempo perdido para me ajudar. Queria também agradecer aos meus amigos, principalmente à Cláudia, pela energia e motivação que me transmitiu nos últimos tempos. Não queria deixar passar também sem agradecer ao Luís pela ajuda que me deu num momento fulcral da minha dissertação e que permitiu que desbloquear uma parte importante da minha análise.

Por fim, mas não menos importante, um agradecimento especial à minha orientadora, a Professora Doutora Susana Santos, pelo acompanhamento e apoio durante a realização desta dissertação, assim como pelos conselhos e palavras de incentivo, que sempre me tranquilizavam: um muito obrigado.

Índice

Resumo	vi
Abstract	vii
Resumen	viii
CAPÍTULO I: Introdução	1
CAPÍTULO II: Da Problemática ao Estado da Arte	3
2.1. Problemática	3
2.2 Estado de Arte	7
2.3 Operacionalização dos conceitos	12
2.4 Modelo de análise e hipóteses	14
CAPÍTULO III: Metodologia	17
3.1 Fonte de Dados	18
3.2 As Variáveis em Estudo	19
CAPÍTULO IV: Análise dos dados	20
4.1 Amostragem	20
4.2. O modelo misto de votação e os blocos geopolíticos	20
4.3 O impacto da diáspora nas votações	22
4.4 Os conflitos e as votações	26
4.4.1 Conflito entre Chipre e Turquia	26
4.4.2 Conflito entre Rússia e Geórgia	27
4.4.3 Conflito entre Azerbaijão e Arménia	29
4.4.4 O conflito entre a Albânia e a Sérvia	30
4.4.5 Conflito entre Espanha e Reino Unido	31
4.5 Ordem de atuação e atenção: impactos de fatores intrínsecos do festival no resultado	33
4.5.1 Impacto do intervalo	33
4.5.2 A influência de atuar em diferentes partes da ordem de atuação	34
4.5.3 Influência da ordem de atuação	35
4.5. Impacto do representante no resultado final	36
Capítulo V: Principais Conclusões	38
Bibliografia	40
Anexos	i
Curriculum Vitae	xvi

Índice de Quadros

Quadro 1 – Operacionalização conceitos relativos à votação no FEC	14
Quadro 2 – A coesão intrabloco (2004-2015)	21
Quadro 3 – Troca de pontos entre blocos durante o modelo de votação de televoto	21
Quadro 4 – Troca de pontos entre blocos durante o modelo misto de votação	21
Quadro 5 – Troca de pontos entre bloco geopolíticos tendo em conta o voto da diáspora durante o período de televoto (2004-2009)	23
Quadro 6 – Troca de pontos entre bloco geopolíticos tendo em conta o voto da diáspora durante o período do modelo misto (2009-20015)	24
Quadro 7 - Impacto do voto da diáspora sobre as votações dos blocos durante os dois modelos e sobre o período total em análise.	25
Quadro 8 - Percentagem das canções classificadas entre as dez primeiras, provenientes de cada uma das partes da ordem de atuação (2004-2015).	34
Quadro 9 - Médias das classificações finais das primeiras e das últimas atuações (das semifinais e finais entre 2004 e 2015)	35
Quadro 10 - Percentagem da presença de cada um dos tipos de representante entre os dez primeiros, entre os três primeiros e tendo em conta apenas o vencedor do concurso (2004-2015).	36
Quadro 11 - Percentagem da presença de cada um dos tipos de representante entre os dez primeiros nos dois modelos de votação.	37

Índice de figuras:

Figura 1 – A entrada dos vários países participantes no Festival Eurovisão da Canção durante as últimas décadas	3
Figura 2 - Bloco geopolíticos evidenciados por Anthony Derek na sua investigação “The Eurovision Song Contest as a ‘Friendship’ Network” (2007).	8
Figura 3 – As alianças de voto segundo Derek Gatherer (2006).	9
Figura 4 – A troca de pontos entre o Chipre e a Turquia no período entre 2004 e 2015	26
Figura 5 – A troca de pontos entre a Geórgia e a Rússia entre 2007 e 2015.	27
Figura 6 - A troca de pontos entre a Arménia e o Azerbaijão durante o período entre 2008 e 2015.	29
Figura 7 – O intercâmbio de pontuações entre a Albânia e a Sérvia no período entre 2007 e 2015	30
Figura 8 – Troca de pontuações entre a Espanha e o Reino Unido durante os anos de 2004 e 2015.	31
Figura 9 – O impacto de atuar antes e depois do intervalo no resultado final entre 2004 e 2015.	33

Glossário de siglas

UER – União Europeia de Radiodifusão

FEC – Festival Eurovisão da Canção

RTP – Rádio e Televisão de Portugal

SMTV – Televisão de São Marino

EUA – Estados Unidos da América.

Resumo

O Festival Eurovisão da Canção é um certame europeu que reúne desde os anos 50, a Europa em torno da música. Começou apenas com a participação de sete países, tendo aumentado a sua popularidade ao longo das décadas, alcançando os quarenta e três participantes em 2008. Atualmente, o Eurofestival é o maior certame de música no mundo, tendo a edição de 2016 registado uma audiência de 204 milhões de pessoas em todo o mundo.

No entanto, apesar do principal objetivo da competição ser coroar a melhor canção da Europa, o Festival tem-se tornado durante os anos num evento com um grande grau de envolvimento político, sendo que a introdução do televoto como forma de atribuição dos votos só veio piorar a situação. Durante o sistema de televoto, a Europa Oriental “confiscou” o certame, levando ao protesto e ao boicote de alguns países da dita “Velha Europa”. Com o crescente descontentamento de alguns países, a organização decidiu remodelar o sistema de votação, reintroduzindo os jurados no modelo de votação, dando-lhes 50% da decisão. Era criado assim o sistema misto de votação, onde os votos atribuídos por cada país passariam a ser 50% através da escolha dos telespectadores e os outros 50% através da valoração de um jurado profissional.

Para este estudo utilizam-se as votações dos países participantes no festival durante 12 edições, separando-as em dois períodos: de 2004 a 2009 (modelo de televoto) e de 2009 a 2015 (modelo misto de votação), sendo assim possível aferir o impacto da introdução do novo modelo de votação, comparativamente ao modelo de televoto. Através da análise foi possível verificar que apesar de tímido, o novo modelo de votação alterou as votações atribuídas e recebidas pelos vários blocos geopolíticos presentes no concurso, diminuindo o impacto de fatores externos como a imigração sobre as votações, favorecendo principalmente os países do bloco Ocidental, que durante o modelo de televoto só colecionaram maus resultados. Para além disso foi também possível perceber que fatores internos ao espetáculo (ordem de atuação, intervalo) tem interferência no resultado final, tendo em alguns casos, o modelo misto ajudado a anular o seu efeito.

Palavras-chave: Festival Eurovisão da Canção, modelo misto de votação, geopolítica, Europa, televoto

Abstract

The Eurovision Song Contest is a European competition that unites all of Europe around music every year since the 50's. It all started with the participation of only seven countries, having increased its popularity over decades until it gathered forty-three participants in 2008. Nowadays the Euro festival is the biggest music contest in the world, having registered 204 million viewers from around the globe in 2016.

However, in spite the main goal of the competition being to pick out the best European song, the Festival has become over the years an event with a great deal of political involvement, more so with the introduction of tele voting as a new way of casting vote, that only made the political significance larger. During the tele voting system, Western Europe “confiscated” the contest, leading to protest and boycott of some of the members from the “Old Europe”. With the growing discontentment of some countries, the organization decided to remodel the voting system, reintroducing a jury formed by professionals of the industry and giving them 50% power of decision. It was thus created the mixed voting system where the votes given to each country represented 50% of the entire voting pole and jury vote represented the other 50%.

For this study were taken in to consideration the votes from each participant country over the last 12 editions, separated in two periods: from 2004 to 2009 (tele voting system) and from 2009 to 2015 (mixed voting system). This way it allows us to understand the impact that the introduction of a new voting system had, in comparison with the old tele voting system. Through this analysis it is possible to verify that, although in a subtle way, the new voting system influenced the votes exchanged by the various geopolitical blocks represented in the competition. It diminished the impact of external factors, like immigration, over the votes, favouring especially the Western block which collected nothing but bad results during the tele voting system. Besides, it also allows us to understand which factors inherent to the show (running order, interval act etc.) interfere with the final result, having, in some cases, the mixed voting system helped to annul its' effects.

Key words: Eurovision Song Contest, mixed voting system, geopolitics, Europe, tele voting

Resumen

El Festival de la Canción de Eurovisión es un certamen europeo que reúne desde hace 60 años la Europa en torno de la música. Empezó apenas con la participación de siete países, aumentando su popularidad al largo de las décadas y alcanzando los cuarenta y tres participantes en 2008. En los días de hoy, Eurovisión es el concurso musical más grande del mundo, teniendo la edición de 2016 registrado una audiencia de 204 millones de personas en todo el mundo.

Sin embargo, aunque el principal objetivo de la competición sea coronar la mejor canción de Europa, el festival viene convergiéndose durante los años en un evento con un gran grado de participación política, siendo que la introducción del televoto como forma de dar las votaciones solo empeoró la situación. Durante el sistema del televoto, la Europa Oriental “ha confiscado” el certamen. Situación que ha llevado a protestas y boicoteos de países de la “Vieja Europa”. Con el crecimiento del descontentamiento de algunos países, la organización decidió llevar a cabo cambios para remodelar el sistema de votación, reintroduciendo los jurados en el sistema de votación, dándoles 50% de la decisión. Así nació el sistema mixto de votación, donde los votos atribuidos por cada país pasaban a ser 50% a través de la elección de los televidentes y los otros 50% a través de la valoración de un jurado profesional.

Para este estudio se han utilizado las votaciones de los países participantes en el concurso durante 12 ediciones, separándolas en dos periodos: de 2004 a 2009 (sistema de televoto) y de 2009 a 2015 (sistema mixto de votación), por lo que es posible conocer el impacto de la introducción del nuevo sistema de votación, comparativamente al sistema de televoto. A través del análisis fue posible verificar que, aunque tímido, el nuevo sistema de votación ha alterado las votaciones atribuidas y recibidas por los varios bloques geopolíticos existentes en el concurso, disminuyendo el impacto de factores externos, como la inmigración sobre las votaciones y favoreciendo principalmente los países de Europa Occidental, que con el sistema de televoto solo coleccionaron malos resultados. Más allá de eso fue también posible entender que factores internos del espectáculo (orden de actuación, intervalo) tienen interferencia en el resultado final, teniendo en algunos casos, el sistema mixto ayudado a “anular” esos efectos.

Palabras clave: Festival de la Canción de Eurovisión, sistema mixto de votación, geopolítica, Europa, televoto

CAPÍTULO I: Introdução

O Festival Eurovisão da Eurovisão (FEC) é um certame musical realizado anualmente tendo como objetivo reunir a Europa em torno da música. O Eurofestival foi criado pelo União Europeia de Radiodifusão (UER), entidade que reúne as cadeias públicas de radiodifusão da Europa e do Mediterrâneo, e teve a sua primeira edição em 1956. Na primeira edição participaram sete países: República Federal da Alemanha, Países Baixos, Itália, França, Luxemburgo, Bélgica e Suíça. Curiosamente seis seriam também, no ano seguinte, fundadores da Comunidade Económica Europeia (percursora da União Europeia), através do Tratado de Roma. Atualmente o certame europeu é o maior festival de música do mundo (com uma audiência de mais de 200 milhões de espectadores¹) e o certame musical há mais tempo no ar do mundo, reconhecido pelo Guinness.² Ao longo das décadas mais de sessenta países pisaram o palco do certame, tendo participado na edição de 2016, quarenta e dois países.

No entanto, desde os primórdios subsistem acusações acerca da existência do voto político no certame (Spierdijk & Vellekoop, 2006). Estas acusações aveludaram-se quando a organização decidiu, com o advento das comunicações móveis, trocar o modelo de voto através dos jurados nacionais, escolhidos pelas cadeias de televisão participantes, pelo modelo de televoto, convidando o público em casa a votar nas suas canções favoritas. Esta alteração, aliado também à entrada massiva dos países da ex-União Soviética e da antiga Jugoslávia no mesmo período, fez com que a troca dos pontos entre países se tornasse cada vez mais habitual e óbvia, criando uma “Cortina de Ferro” para o Ocidente. “Nós ganhámos a Guerra Fria, mas perdemos a Eurovisão” (Yavçan Ural & Bondanella, 2009), foi assim que assim que o comentador da BBC, Sir Terry Wogan descreveu o festival nos primeiros anos da década passada que corresponderam aos seus últimos anos como locutor do certame.

Como forma de conter as críticas e boicotes de vários países, a UER decidiu reformular o modelo de votação em 2009. A partir da final do Eurofestival de 2009 é inaugurado o modelo misto de votação. Neste novo modelo os jurados profissionais são “reativados”, passando a deter 50% da decisão, cabendo os restantes 50% ao televoto. Com este novo modelo os votos atribuídos por cada país passaram a ser a média entre as valorações dos jurados nacionais, escolhidos pela emissora do país e dos telespectadores em casa.

Todas estas polémicas em torno do FEC têm-no tornado bastante apetecível para investigadores e sociólogos. Ao longo das últimas duas décadas, vários investigadores pela

¹: Informação obtida a partir de

http://www.eurovision.tv/page/news?id=eurovision_song_contest_attracts_204_million_viewers

² Informação obtida a partir de:

http://www.eurovision.tv/page/news?id=eurovision_song_contest_awarded_guinness_world_record

Europa fora (e não só) têm analisado a influência da geopolítica, da identidade nacional e da afinidade cultural nas votações. No entanto, a temática relacionada ao Festival Eurovisão da Canção tem passado bastante ao lado do nosso país. Portugal, apesar de ser um dos países mais antigos da competição (participa desde 1964), somente o professor Jorge Mangorrinha, docente associado da Universidade Lusófona de Humanidades³, se debruçou acerca da temática do Eurofestival. Em 2014 lançou dois livros: um acerca dos 50 anos do Festival RTP da Canção⁴ (dividido em 2 partes) e outro acerca dos 50 anos da participação portuguesa no Festival Eurovisão da Canção⁵. Para além disto em 2015 lançou o livro “A Cultura Eurovisiva: Canções, Política, Identidades e o Caso Português” juntamente com o Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL).

Uma das razões importantes para a realização desta investigação prende-se, principalmente, ao facto de em Portugal a temática relacionada com o Festival da Eurovisão ser bastante marginalizada, sendo por isso uma das finalidades da dissertação ajudar a colmatar um pouco o “vazio” existente em relação ao Eurofestival no nosso país. Para além disso, apesar de existirem bastantes investigações científicas acerca da troca de votos no Festival, denoto que não há nenhuma que se tenha focado principalmente no novo modelo misto de votação.

Desta forma, o objetivo principal da minha dissertação passa por verificar o impacto do modelo misto de votação nos blocos geopolíticos existentes no FEC sobre as votações, tendo como base de comparação as votações durante o sistema de votação do televoto. Além disso, pretendo também perceber a influência de fatores intrínsecos ao certame (como a ordem de atuação ou a atuação antes e depois do intervalo) nos resultados e por fim, averiguar a influência dos conflitos militares, políticos e culturais na troca de pontos entre os países. Aliás, como espectador assíduo do Festival Eurovisão da Canção que sou desde há cerca de uma década, tenho plena consciência que há trocas mais ou menos óbvias entre países. Contudo, uma das minhas motivações passa por perceber a troca de pontos e os seus efeitos, para além do que é mostrado pela televisão.

A presente dissertação encontra-se dividida em cinco partes. O primeiro capítulo *Introdução*, explica em parte o contexto em que a dissertação se insere, abrindo caminho para os outros capítulos. O capítulo seguinte aborda a problemática da investigação assim como a revisão de literatura relacionada com Festival Eurovisão da Canção, contendo ainda dois subcapítulos sobre a operacionalização dos conceitos e o modelo de análise e hipóteses. O

³ Informação obtida em: <http://www.ulusofona.pt/docentes/jorge-manuel-mangorrinha-martins>

⁴ "Festival RTP da Canção: uma história de 50 anos (1964-2014)" e "Festival RTP da Canção: uma cronologia ilustrada (1964-2014)".

⁵ Portugal e a Eurovisão: 50 anos de canções (1964-2014).

terceiro capítulo centra-se na Metodologia em que se baseará o projeto de investigação, no qual também se dão a conhecer as fontes de dados e as variáveis em estudo. Logo depois, no capítulo quatro será feita a Análise de Dados, onde será identificada a amostra (4.1), seguida da análise ao impacto do modelo misto sobre a votação dos blocos (4.2), do impacto das diásporas nos votos (4.3), da influência dos conflitos (4.4) e por fim, a interferência dos fatores intrínsecos ao festival no resultado final (4.5). Por último, o capítulo cinco centra-se nas principais conclusões da investigação.

CAPÍTULO II: Da Problemática ao Estado da Arte

2.1. Problemática

O Festival Eurovisão da Canção surgiu em 1955 de um desejo de unir uma Europa ainda devastada pela Segunda Grande Guerra através da familiarização transnacional das diferentes culturas nacionais e para desenvolver a tecnologia de transmissão ao vivo na Europa (Mangorrinha, 2015). A primeira edição decorreu no ano seguinte, em maio de 1956, na cidade suíça de Lugano, saindo o anfitrião como vencedor e ficando o troféu para casa. Até 1961 participaram apenas países da Europa Ocidental, tendo a Jugoslávia entrado nesse ano, sendo seguida por Israel (1973), Turquia (1975) e Marrocos (1980).



Figura 1 – A entrada dos vários países participantes no Festival Eurovisão da Canção durante as últimas décadas. A verde estão assinalados os países que entraram na década de 1950, a azul os países que entraram na década seguinte, a rosa os países que entraram nos anos setenta, a amarelo os países que entraram na década de 1980, a vermelho os países que se estrearam nos anos de 1990 e por fim, a laranja os países que entraram no certame na primeira década deste século. Não está presente na figura, mas na presente década (2015) também a Austrália passou a competir no festival.

A estrutura do festival é simples: cada país faz-se representar por uma cadeia de televisão pública que escolhe um intérprete e uma canção para defender o país na cidade organizadora⁶. Depois de todas as canções terem sido apresentadas, chega a hora da segunda parte do certame, as votações. Cada país participante vota nos seus dez países favoritos atribuindo 12 pontos ao país da sua preferência, 10 ao segundo e 8 ao terceiro, continuando até 1 ponto⁷. O país que tiver o maior número de pontos acumulados vence o concurso e obtém o direito a organizar a edição do ano seguinte.

No que toca à parte musical o FEC não sofreu quaisquer alterações, mantendo o espírito das primeiras edições, mas já sem a orquestra ao vivo e com sonoridades diferentes às de algumas décadas. A maior mudança foi a introdução, primeiro de uma semifinal (2004) e quatro anos depois de uma segunda semifinal. Atualmente o FEC é constituído por três espetáculos: 1ª semifinal (terça-feira), 2ª semifinal (quinta-feira) e grande final (sábado). De cada semifinal apuram-se 10 canções para a final, juntando-se ao anfitrião e aos *Big Five*⁸, totalizando 26 canções na grande final de sábado à noite. No entanto, no que toca às votações, o sistema sofreu algumas remodelações ao longo do tempo. Desde do início do festival que quem outorgava as pontuações de um país era um jurado escolhido por cada televisão pública participante, podendo ele ser constituído por especialistas em música ou por audiência comum do festival. A grande mudança surgiu em 1997 quando os telespectadores europeus puderam votar pela primeira vez nas suas canções favoritas⁹.

Apesar de sempre ter sido um evento com conotação política (Spierdijk & Vellekoop, 2006), a partir da viragem do milénio começou a ficar cada vez mais patente a troca constante de pontos entre países. Grécia e Chipre ou Espanha e Andorra, são dois claros exemplos disso. A proximidade cultural e a imigração passaram a refletir-se nas votações entre países. Contudo, no FEC não se verifica apenas a existência do voto favorável, apesar de reduzido, também se denota a existência de “anti voto” (Céspedes, 2014). Exemplo disso são a Arménia e o Azerbaijão que não trocam pontos (com exceção de um ponto que a Arménia atribuiu ao Azerbaijão na edição de 2009 e dois pontos na primeira semifinal de 2008), devido ao conflito que mantêm pela região de Nagorno-Karabakh. No *postcard* prévio à atuação da canção

⁶ Há cadeias de televisão que optaram mais por seleções internas das canções e dos intérpretes, como é o caso de Espanha, enquanto, países como Portugal, apostaram sempre (com exceção de 2003 e 2005) em seleções abertas com várias propostas a representar o país, como é o caso do mítico Festival RTP da Canção.

⁷ Este sistema de pontuação foi introduzido na edição de 1975 e perdura até hoje.

⁸ O *Big Five* é constituído pela Alemanha, França, Reino Unido, Espanha e, desde 2011, Itália. Estes países têm sempre entrada direta na grande final por serem os grandes financiadores da União Europeia de Radiodifusão.

⁹ Informação obtida em: <http://www.eurovision.tv/page/history/by-year/contest?event=312>

arménia na primeira semifinal de 2009 apareceu um monumento construído na era soviética e que está localizado na zona em disputa. O Azerbaijão reclamou da situação à organização e a imagem foi retirada no *postcard* apresentado na grande final. No entanto, como retaliação a portadora dos votos da Arménia levou uma prancheta com a imagem do monumento, que por sua vez também aparecia na imagem de fundo¹⁰. Também na edição de 2016 as relações entre os dois países voltaram a aquecer, quando a representante da Arménia durante um momento de apelo ao voto mostrou uma bandeira do Nagorno-Karabakh no decorrer da primeira semifinal. A comitiva azeri queixou-se e o Grupo de Referência da UER acabou por sancionar a delegação arménia por violar a regra que proíbe a promoção de organizações, instituições e causas políticas¹¹.

O conflito no Chipre também criou tensão entre o Chipre e a Grécia contra a Turquia. A Grécia boicotou as edições depois da invasão turca do Chipre, em que a Turquia participasse e a Turquia fez o mesmo, só voltando à competição ao mesmo tempo em 1979. Para além disso em 1976 a Grécia fez-se representar no FEC com uma canção de protesto à invasão turca da ilha cipriota, onde era referida a guerra e os campos de refugiados. Além do mais, o Chipre esteve mais de vinte e dois anos sem atribuir um único ponto às candidaturas turcas, tendo sido dados pontos pela primeira em 2003 (8 pontos, curiosamente na edição em que a Turquia se sagrou vencedora).

A religião também tem vindo a revelar-se um problema, separando Israel dos países muçulmanos do mediterrâneo. Em 1980, Marrocos participou pela primeira e única vez, curiosamente no ano que Israel se retirou do concurso. A Tunísia também chegou a apresentar a sua candidatura em 1977, todavia retirou-se quando Israel confirmou a sua participação¹². O caso mais recente e também mais mediático foi protagonizado pelo Líbano em 2005, que chegou a escolher interprete e canção, mas que devido à sua negativa em transmitir a atuação israelita lhe valeu a expulsão do concurso e a suspensão por vários anos¹³. Mais recentemente também os conflitos militares têm feito “moça” no mapa de participantes. Os conflitos militares russos na Geórgia (2008) e na Ucrânia (2014) já motivaram que esses países se afastassem do festival por alguma vez.

Voltando ao FEC em si, com a finalidade de por cobro as acusações e boicotes de alguns países, foi reintroduzido progressivamente os jurados no modelo de votação do certame. Em 2008 os jurados apenas decidiram qual a última canção que passava em cada uma das

¹⁰ O *frame* do momento pode ser observado no Anexo K.

¹¹ A imagem do momento em questão pode ser observada no Anexo K.

¹² Informação obtida em de: <http://www.eurovision.tv/page/history/by-year/contest?event=293>

¹³ Informação obtida em de: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/entertainment/4362373.stm>

semifinais (décima canção apurada), sendo os seus poderes aumentados na grande final de 2009, implantado também nas semifinais do ano seguinte. Era assim que surgia o modelo de votação misto, onde os telespectadores e os jurados profissionais, escolhidos pelas emissoras, passavam a deter 50% das votações cada. Este modelo é que perdura até hoje, tendo sofrido uma pequena alteração em 2013¹⁴. O principal objetivo deste modelo é reduzir a acusação de falta de transferência das votações, tentando diluir os grupos de afinidades de forma a que resultado final seja o mais justo (Céspedes, 2014).

Visto que o FEC é bastantes vezes acusado de ser um festival político, este projeto de investigação procura responder à seguinte questão de partida: “Qual o impacto de fatores externos na votação, assim como o efeito do novo modelo de votação sobre os mesmos?”. A pertinência científica desta dissertação explica-se com o facto do modelo misto de votação ter sido implantado na grande final do certame de 2009 e até hoje não existir nenhuma investigação científica que tenha tentado perceber o seu impacto direto nas votações, tendo como base o modelo anterior de televoto. Além do mais, a minha investigação também tem como objetivo tentar colmatar a falta de bibliografia existente no nosso país acerca da temática do Festival Eurovisão da Canção. A par da pertinência científica, acrescento também a pertinência social, que se ilustra com o facto de o Festival Eurovisão da Canção ser um evento identitário da própria Rádio e Televisão de Portugal (RTP), que se confunde com a própria história da televisão em Portugal e que apesar de não apresentar o mesmo fulgor de outros tempos (aliado aos mais resultados das propostas nacionais dos últimos tempos), ainda apresenta audiências interessantes.

Esta análise é baseada nas votações trocadas entre quarenta e um países participantes no FEC entre 2004 e 2015. No entanto, serão apenas utilizadas na análise os dez maiores países pontuados por cada país participante em cada um dos dois modelos de votação. A escolha de 2004 para iniciar a análise não é inocente, pois apesar do televoto ter sido introduzido no Festival em 1997, 2004 foi o primeiro ano em que todos os países participantes (com exceção do Mónaco) utilizaram apenas o televoto como forma de outorgar os seus pontos¹⁵. Para além disso, o ano de 2004 representa um marco na história do FEC com a introdução da Semifinal, que possibilitou que todos os países interessados pudessem participar, originando um “boom” de candidaturas logo nesse ano, permitindo-se assim analisar o maior número de países possível.

¹⁴ Os pontos de cada país deixaram de ser a média entre as avaliações do público e dos jurados. Os votos do televoto e do jurado eram somados, sendo laureados com pontos os primeiros dez países provenientes dessa soma.

¹⁵ O processo da implementação do televoto foi mais moroso em alguns países, principalmente nos países de leste onde não havia ainda uma linha telefónica completamente estabelecida e que chegasse à maioria da população.

Apesar da presente dissertação localizar-se temporalmente no ano de 2016, a edição deste ano não será tida em conta, visto que foi feita uma mudança substancial no modelo de votação, deixando o voto de cada país de ser a média entre a valoração dos jurados e do televoto, passando os pontos de cada um dos intervenientes no sistema de votação a serem independentes, concedendo cada país o dobro dos pontos (116 pontos, em vez dos tradicionais 58)¹⁶. Este novo modelo tem como objetivo aumentar o “suspense”¹⁷, fazendo com que se tenha que esperar mesmo até ao fim para se conhecer o vencedor (antes quando faltavam votar vários países já se começava a perfilar um vencedor matemático)¹⁸.

Desta forma, a presente dissertação tem como objetivos principais:

- Dividir os países participantes em blocos geopolíticos, tendo em conta a literatura;
- Analisar os efeitos do modelo misto de votação sobre as votações durante dois períodos diferentes (2004-2009 e 2009-2015);
- Verificar o impacto do voto da diáspora e como evoluiu com o novo modelo de votação;
- Compreender se os conflitos entre países participantes se refletem nas suas votações;
- Verificar a influência do intervalo no resultado final;
- Perceber se a ordem de atuação pode ter impacto no resultado final dos países participantes.

2.2 Estado de Arte

Nas últimas décadas o Festival Eurovisão da Canção têm sido tema de várias pesquisas levando inclusive à criação do termo “*Eurovisiopsophology*” (García & Tanase, 2013) para denominar os estudos relacionados com a troca de pontos no certame europeu. Esta temática tem levantado interesse principalmente em investigadores da Europa central e do Norte, onde o

¹⁶ Até 2015 os porta-vozes de cada país revelavam os pontos desse país (a média e a partir de 2013, a soma do televoto com a valoração dos jurados), no entanto, neste novo modelo os porta-vozes dão a conhecer apenas os votos dos jurados nacionais, sendo o televoto processado à parte, somado e revelado apenas no final.

¹⁷ Informação obtida em: <http://wiwibloggs.com/2016/02/18/eurovision-2016-svt-changes-voting-segment-add-drama-results/126173/>

¹⁸ Este novo modelo começou envolto em polémica. O São Marino está impossibilitado de usar o televoto porque não tem operadoras de telecomunicações próprias, usando as italianas, sendo as chamadas realizadas no São Marino contadas como votos de Itália. No anterior modelo a votação dos jurados contava como a votação do país, no entanto com este novo modelo, veio-se a descobrir que a organização “inventou” os pontos do televoto são-marinense, sem o conhecimento da própria televisão pública do São Marino. Informação obtida em: <http://www.escportugal.pt/2016/05/esc2016-uer-inventou-o-televoto-de-sao.html>

Festival continua com grande fulgor nas audiências. Estes estudos têm-se centrado sobretudo na análise da troca de pontos entre os diversos países participantes e na influência de outras variáveis para além da qualidade musical na decisão do voto.

O investigador israelita Gad Yair foi um dos precursores nas investigações acerca do Festival Eurovisão da Canção, tendo levado a cabo uma das primeiras abordagens científicas acerca da troca de pontos no certame. O seu primeiro estudo intitulado “Unite Unite Europe’ The political and cultural structures of Europe as reflected in the Eurovision Song Contest”, data de 1995 e faz uma análise às votações entre os períodos de 1975 (instauração do sistema de pontos atual) e 1992 (fim da Jugoslávia e da União Soviética), ainda durante a vigência do sistema de voto de jurados nacionais, e concluiu existirem já nessa altura, quando ainda não tinham entrado no festival os países ex-soviéticos e dos Balcãs, três blocos de votação: o nórdico, o ocidental e o mediterrâneo. A coesão dentro do bloco nórdico devia-se principalmente aos vínculos culturais e linguísticos (idiomas semelhantes, com a mesma origem). Já no bloco ocidental eram os vínculos históricos e políticos os principais fatores para “concentração” de pontos. Por fim, no bloco mediterrânico era a história e as experiências culturais entre si (a fronteira com o mar mediterrâneo) que contribuem para a unidade do bloco. Durante esse período o festival tornou-se num «jogo cultural entre o “avaliador” e o “avaliado” e gostos de populares enraizados e novas expressões mais singulares, em confronto ou sintonia com as alianças de voto» (Yair, 1995 *apud* Mangorrinha, 2015, p.15).



Figura 2 - Bloco geopolíticos evidenciados por Anthony Derek na sua investigação “The Eurovision Song Contest as a ‘Friendship’ Network” (2007). A verde estão assinalados os países do bloco Ocidental, a azul estão indicados os países pertencentes ao bloco Nórdico, a vermelho, estão os países representados os países do bloco de Leste, a roxo estão assinalados os países integrantes do bloco do Mediterrâneo Oriental e por fim, a amarelo encontram-se os países pertencentes ao bloco dos Balcãs.

Cerca de uma década depois das investigações de Yair, o investigador australiano Anthony Derek levou a cabo uma análise à troca de pontos na grande final do FEC de 2005, final onde já vigorou o sistema 100% televoto (implementado em 1997). A Eurovisão de Yair já não é a mesma que Derek encontrou. Em 2005 o bloco ocidental perdeu a preponderância que apresentava nas décadas anteriores, expondo-se como um bloco bastante menos coeso. A perda de poder do bloco ocidental deveu-se às ligações com os países dos outros blocos (com exceção dos Balcãs) e a consequente ida dos seus votos para esses blocos. Para além do bloco nórdico e ocidental de Yair, Derek, introduziria mais três blocos de votação: o bloco oriental, o bloco balcânico e o bloco do sudeste mediterrâneo (excluindo o bloco mediterrâneo). Estas alterações nos blocos são fruto da entrada massiva de países da ex-União Soviética e da antiga Jugoslávia. Derek também caracterizou a Suíça e a Áustria como “pontes” entre a “nova” e a “velha” Europa, por apresentarem índices altos de pontuações a países dos novos blocos geopolíticos.

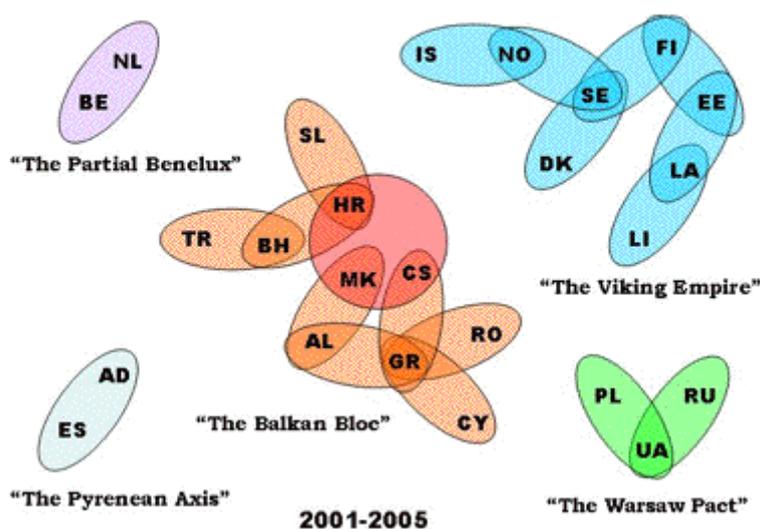


Figura 3 – As alianças de voto segundo Derek Gatherer (2006). Nesta figura estão representados os países: Bélgica (BE), Países Baixos (NL), Espanha (ES), Andorra (AD), Turquia (TR), Bósnia e Herzegovina (BH), Croácia (HR), Eslovénia (SL), ARJ Macedónia (MK), Sérvia e Montenegro (CS), Albânia (AL), Grécia (GR), Chipre (CY), Roménia (RO), Islândia (IS), Noruega (NO), Suécia (SE), Dinamarca (DK), Finlândia (FI), Estónia (EE), Letónia (LA), Lituânia (LI), Polónia (PL), Ucrânia (UA) e Rússia (RU).

O investigador britânico Derek Gatherer no seu artigo “Comparison of Eurovision Song Contest Simulation with Actual Results Reveals Shifting Patterns of Collusive Voting Alliances” também empreendeu uma análise intensiva à troca de pontos no FEC, sendo bastante mais exaustiva que a Anthony Derek. Gatherer através da análise da troca de pontos, onde evidenciou padrões de votação e alianças entre países no período entre 1975 e 2005, por

intermédio da análise separada das votações em períodos de cinco anos. No último período da sua análise (2001-2005), onde já vigorava em pleno o modelo do televoto, Gatherer evidenciou cinco alianças de voto: o Benelux parcial, o Império Viking, o Bloco Balcânico, o Pacto de Varsóvia e o Eixo dos Pireneus. No entanto, Gartherer apenas classificou as alianças de voto mais recorrentes e evidentes, deixando bastantes países participantes sem “colocação”.

Também durante este período os investigadores Wolfgang Schweiger e Hans-Bernd Brosius (austríaco e alemão respetivamente, sendo um docente na Universidade de Graz e outro na Universidade Munique) fizeram uma análise aos fatores que influenciavam o público a votar, intitulada de “Eurovision Song Contest - How Do News Factors Influence the Audience Votes?”. Nesta investigação os autores explicaram que o voto dos espectadores depende de três dimensões: atributos formais e estéticos da música (estilo de música, linguagem, apresentação), atributos do país (popularidade, relevância cultural ou político-económica) e relações entre países (geográficos, políticos, económicos e culturais). O facto de se apresentarem canções com estilos bastante idênticos faz com que seja quase impossível memorizar os pontos fortes e fracos das canções, sendo este problema agravado pelo facto de só serem disponibilizados 15 minutos para os espectadores em casa votarem. Este é um dos fatores principais que estimula a audiência a prestar mais atenção às atuações dos países com os quais têm vínculos (sejam culturais ou geográficos), influenciando o seu voto.

Com a viragem do milénio e entrada massiva de países, o objetivo de unir a Europa começou a fracassar, “em vez de unir o sucesso do FEC começou a fragmentar a Europa” (Akšamija, 2005). A investigadora bósnia Azra Aksamija empreendeu em 2005 uma análise entre o simbolismo da unidade europeia e a visão do Leste, tendo chegado a conclusão que os “novos” países participantes começaram a olhar para o FEC como forma de abrir os seus países à Europa Ocidental e melhorar a sua reputação internacional. Alguns países começaram a convidar artistas internacionais conhecidos na região como forma de obter melhores resultados no certame. Este comportamento fez com que se abrisse um foço cada vez maior entre o Ocidente e o Oriente. Enquanto o Ocidente passou a “ridicularizar” o Festival, os países do Oriente começaram a “apostar forte” como forma de chamar a atenção internacional para os seus países. As vitórias da Estónia (2001), Letónia (2002), Turquia (2003) e Ucrânia (2004) permitiram a estes países periféricos «mostrar uma imagem moderna e “europeia”» (Torres, 2011).

Seguem também esta linha as conclusões do professor de geografia irlandês Adrian Kavanagh. O autor concluiu em 2012 que a introdução do televoto foi a responsável pelo aparecimento do “voto vizinho” e do “voto diáspora”, havendo tendências para este modelo favorecer os países mais recentes e menos desgastados. Além do mais, o mesmo autor

evidenciou blocos geopolíticos distintos aos blocos de estudos anteriores: o bloco ocidental/imigração (países ocidentais possuem grandes comunidades de imigrantes, que tendem a votar em massa nos seus países de origem), o bloco ex-soviético (tendem a votar dentro do bloco, dando principalmente grandes votações à Rússia), o bloco nórdico/báltico (grande tendência de votar dentro do bloco), o bloco ibérico (constituído por Portugal, Espanha e Andorra com votações altas para os países com grande diásporas nos seus países, como a Roménia ou Moldávia) e por fim, o bloco ex-jugoslavo (com predisposição a votar dentro do bloco, principalmente na Sérvia e na Bósnia).

Estudos mais recentes começaram também a abordar a importância das redes sociais. Os investigadores David García e Dorian Tanase na publicação “Measuring Cultural Dynamics Through the Eurovision Song Contest” fazem referência a importância da internet como extensão ao concurso. Dão como exemplo a aplicação criada pelo Google para prever o vencedor da Eurovisão, pedindo o voto dos internautas. Apesar de ter acertado nos vencedores de 2009 e 2010, a aplicação não conseguiu prever a vitória do Azerbaijão em 2011, pois esta começou a ser usada pelos utilizadores para votar nos seus países, enviando os resultados. Para além disso os autores levaram a cabo uma análise aos dados das votações de 1975 a 2012, medindo as relações, as afinidades culturais e as distâncias geográficas entre os países, usando um coeficiente denominado de “amigo” ou “inimigo”. A partir dos resultados alcançados e dos indicadores económicos, chegaram à conclusão que as decisões do poder político têm influência na forma como os cidadãos se relacionam com a cultura de outros membros da União Europeia e se expressam no voto. Dando como exemplo as mudanças significativas nas votações de 2010 para 2011 nos países da União Europeia a 15 países, ano da crise das dívidas soberanas e do início da implementação de medidas restritivas (austeridade), que podem ter tido uma influência direta nas votações.

O sociólogo britânico Diarmuid Verrier no seu artigo “Evidence for the influence of the mere-exposure effect on voting in the Eurovision Song Contest” traz para a discussão novas variáveis que podem influenciar o voto, como são o caso das semifinais. Na sua análise às votações entre 2008 e 2011, concluiu que os espectadores tendem a familiarizar-se com as canções que passam pelas semifinais “marginalizando” as canções pré-qualificadas (*Big Five* e anfitrião). Este sentimento de familiarização é ainda mais forte com as canções finalistas que passaram pela mesma semifinal do país do telespectador, pois a maioria da audiência tende a ver apenas a semifinal onde está o seu país. Para além disso, Verrier também concluiu que a proximidade geográfica, a congruência religiosa, linguística e cultural, assim como a presença significativa de população imigrante de outro país participante podem ter bastante influência na

hora de outorgar os pontos. Estando fatores como estes (que vão além da qualidade das canções e das performances) a “minar” a pureza da competição.

2.3 Operacionalização dos conceitos

A presente investigação foca-se na influência de fatores externos que podem afetar a votação no Festival Eurovisão da Canção, assentando em quatro conceitos principais – proximidade cultural, geopolítica, conflitos e atenção seletiva – que consequentemente se dividem em dimensões e indicadores.

- **Proximidade Cultural:** A proximidade cultural define-se como um conceito complexo que contém em si várias variáveis: geográficas, culturais, religiosas e étnicas. (La Pastina & Straubhaar, 2005). Para além disso a proximidade cultural caracteriza-se também como um sentimento de partilha de uma identidade comum e de pertença a um grupo. Daí ser natural que a população em geral prefira conteúdos da sua própria cultura ou de culturas semelhantes. (Straubhaar, 2002) No relatório “Cultural Proximity and Trade” os economistas Gabriel Felbermay e Farid Toubal abordam a proximidade cultural do ponto de vista do comércio, concluindo que a mesma tem impacto nas trocas comerciais entre países, pois devido à cultura ser próxima entre países, os gostos assemelham-se assim como o gosto pelos produtos uns dos outros. No entanto, um país pode ter uma proximidade cultural a um país e esse sentimento não ser recíproco, o que torna a proximidade cultural num conceito que pode ser assimétrico ou flutuar ao longo do tempo (Straubhaar, 2002).
- **Conflito:** O conceito de conflito pode definir-se como “o processo de tomar consciência da divergência existente entre as partes, traduzida em algum grau de oposição ou incompatibilidade entre os objetivos das partes, ou da ameaça dos interesses de ambas as partes” (Ferreira, Caetano, & Neves, 2011: 511). Idalberto Chiavenato (2004) refere que o conflito “é mais do que desacordo, um choque de interesses, é uma interferência deliberada sobre a tentativa da outra parte de atingir os objetivos”. Ao longo dos tempos, a existência de conflitos tem-se revelado uma constante no relacionamento entre homens, sociedades e civilizações, no entanto, a associação do termo a situações de competição levou com que percecionemos hoje o termo conflito como algo negativo (Bernardino, 2013). O termo conflito e a sua evolução têm estado normalmente associados a uma variação de fatores, “a uma progressão graduada não linear e inconsciente, independentemente das diferentes formas de conflito, podendo ir desde da paz concertada e estável, à paz instável, passando pela crise e na fase mais aguda do seu desenvolvimento, pela própria guerra” (Bernardino, 2013: 166).

- **Geopolítica:** este conceito surgiu no início do século passado pelas mãos do político sueco Rudolf Kjellén, conjugando a relação entre poder e o espaço geográfico (Scholvin, 2016). Contudo, chegar a uma definição específica de geopolítica é difícil pois o significado da mesma tende a mudar à medida que muda a ordem mundial. O ex-secretário de Estado dos Estados Unidos, Henry Kissinger nos anos setenta, recuperou e reavivou o conceito de geopolítica, usando-o como sinónimo para o jogo de equilíbrio de poder entre a Superpotência (E.U.A) e ordem mundial através do mapa político do planeta (Hepple, 1986). A Geopolítica oferece uma maneira de relacionar locais, dinâmicas regionais como um todo, promovendo a forma de pensar o mundo como um tabuleiro de xadrez onde participam diferentes atores, elementos e locais. Com o fim da Guerra Fria, o conceito foi revitalizado dando origem aquilo a que muitos autores denominam de “nova geopolítica”. Já que o fim do conflito potenciou o surgimento de nova ordem geopolítica dominada por questões como a globalização das atividades económicas e fluxos de comércio e investimento, assim como as preocupações a ecologia (aquecimento global e poluição), contribuindo para a reorganização dos Estados, assim como da soberania e da geografia (Tuathail, Dalby, & Routledge, 1998).
- **Atenção Seletiva:** Este conceito está bastante ligado à Psicologia e caracteriza-se pela capacidade que a atenção tem de filtrar determinados estímulos em detrimento de outros, intensificando a atividade neurofisiológica de algo que se está presenciando pela primeira vez, ou de algo que já está na memória (Kandel, Shawartz, & Jessel, 2003). Inicialmente a atenção tem a função de orientar os nossos sentidos aos estímulos do ambiente e posteriormente de administrar de forma seletiva os recursos de processamento da informação, ou seja, prestar atenção a um estímulo e inibir os outros (Richards, 2005). A atenção está particularmente associada à percepção, e é esta que permite interpretar um estímulo captado pela atenção podendo depois a informação ser armazenada na memória a curto prazo e posteriormente na memória a longo prazo.

Conceitos	Dimensões	Indicadores
Proximidade Cultural	Imigração	Voto da diáspora
Geopolítica	Bloco Nórdico	Voto por bloco
	Bloco de Leste	
	Bloco dos Balcãs	Coesão do bloco
	Bloco do Mediterrâneo Oriental	
	Bloco Ocidental	
Conflitos	Políticos	Voto
	Militares	Anti voto
	Religiosos	
Atenção Seletiva	/	Ordem de atuação
		Intervalo
		Últimas atuações
		Representante

Quadro 1 - Operacionalização dos fatores internos e externos à votação no Festival Eurovisão da Canção.

2.4 Modelo de análise e hipóteses

Esta dissertação constitui-se como um estudo quantitativo, localizado temporalmente entre os anos 2004 e 2015, tendo como objeto principal as votações no FEC. O modelo de análise deste projeto corresponde aquilo a que os investigadores Raymond Quivy e Luc Van Campenhoudt (1998) definem de modelo “hipotético-dedutivo”. Este modelo inicia-se pela perceção de uma lacuna nos conhecimentos, a partir da qual se produzem conceitos, se formulam hipóteses, testando a predição da ocorrência de fenómenos abrangidos pelas hipóteses (Marconi & Lakatos, 2007, p. 106). Neste caso, os conceitos utilizados (proximidade cultural, geopolítica, conflitos e atenção seletiva) servem de modelo de interpretação da troca de pontos entre países participantes.

Assim sendo, o modelo de análise que aqui se apresenta está organizado da seguinte forma:

- Em primeiro lugar, tendo em conta investigações anteriores, principalmente desenvolvidas e focadas no período onde tenha vigorado o modelo de televoto (1997-2009), agrupar-se-ão a partir daí os países participantes em blocos geopolíticos.

- Em segundo lugar, irá procurar-se-á analisar as trocas de pontos no Festival Eurovisão da Canção separadamente em dois períodos, comparando o período entre 2004 e 2009 com o período entre 2009 e 2015, excluindo da análise os países que apenas participaram no certame durante um destes períodos.
- Em terceiro lugar, identificar-se-ão os conflitos políticos, militares e religiosos entre países europeus participantes durante o período de 2004 a 2015 e verificando-se a troca de pontos entre esses países (aferindo a existência de anti voto).
- Em quarto lugar, procurar-se-á perceber a coesão intra-bloco durante os dois modelos de votação em análise, através do método estatístico designado de regressão linear
- Em quinto lugar, perceber-se-á se existe influência das diásporas europeias nos votos, comparando os pontos atribuídos pelos países com os grupos de imigrantes presentes nesses mesmo países.
- Em sexto, tentar-se-á perceber a influência da ordem de atuação no resultado final dos países, comparando a média dos primeiros oito países a atuar com os últimos oito durante os anos em análise.
- Por fim, procurar-se-á entender se existe uma interferência clara de fatores intrínsecos do festival no resultado final, analisando e comparando a classificação dos países que atuaram antes e depois do intervalo, para perceber se o mesmo tem influência na classificação final.

Com base na literatura acerca das trocas de pontos, das alianças e dos fatores externos com influência direta nos resultados finais no Festival Eurovisão da Canção, foram formuladas as seguintes hipóteses:

H1: É espectável que a introdução do sistema misto de votação tenha alterado substancialmente a votação entre os blocos geopolíticos, relativamente ao que se verificava no período de televoto.

A literatura explica que a reintrodução dos jurados, através da implementação do sistema misto de votação no FEC, tinha como objetivo reduzir o “voto vizinho” e o “voto diáspora”¹⁹, tentando diminuir a troca “descarada” de pontos e diluindo os blocos de forma a que o resultado final fosse o mais justo (Céspedes, 2014). No entanto, apesar dos jurados terem como principal objetivo analisar a qualidade das canções a concurso, os mesmos são escolhidos

¹⁹ Palavras do Presidente do Grupo de Referência da União Europeia de Radiodifusão acerca da introdução do modelo misto de votação. Informação obtida de: http://www.eurovision.tv/page/news?id=televotingjury_mix_in_2009_final_voting

pelas televisões estatais de cada país participante, podendo existir em alguns casos ingerência governamental (Ural & Bondanella, 2009). No modelo de votação de jurados que vigorou até 1997 (até à introdução do televoto), verificava-se que os jurados eram propensos a considerarem fatores geopolítico na hora de votar, verificando os países que tinham votado no seu país de origem nas edições passadas, recompensando-os (Ginsburgh & Noury, 2008).

H2: Devido à quantidade de canções a concurso espera-se que as últimas canções a atuar tenham uma melhor classificação do que as canções que atuaram nas primeiras posições.

O facto de existirem bastantes canções a concurso num curto espaço de tempo faz com que os telespectadores não consigam assimilar todas as composições. Devido a muitas vezes se apresentarem canções com estilos idênticos, piora ainda mais a situação, fazendo com que seja quase impossível memorizar os pontos fortes e fracos das atuações (Brosius & Schweiger, 2004). No entanto, este efeito da ordem de atuação não é exclusivo do voto popular, podendo também afetar a valorização dos especialistas (Haan, Dijkstra, & Dijkstra, 2005).

H3: Espera-se que o sistema misto tenha reduzido a influência das diásporas nas votações.

A introdução do televoto em 1997 providenciou a entrada de novos fatores influenciadores votação do FEC, como o “voto vizinho” e o “voto da diáspora” (Kavanagh, 2012). A procura de melhores condições de vida ou a fuga a conflitos militares (genocídio arménio e guerra da Jugoslávia), começaram a interferir cada vez mais nas votações. Devido às grandes comunidades imigrantes, passou a ser frequente o grande número de pontos atribuído por Espanha à Moldávia ou à Roménia (Céspedes, 2014).

H4: É espectável que os países do bloco ocidental tenham saído beneficiados com o sistema misto.

H5: Espera-se que os conflitos entre países tenham influência nas suas votações.

Apesar de ser um certame relacionado com a música, o festival apresentou sempre um grande grau de envolvimento político. Durante as décadas o palco do certame serviu por diversas vezes como palco para declarações e mensagens de teor político (Jordan, 2010) A invasão do Chipre por parte da Turquia ou até a queda do muro de Berlim já estiveram envolvidos no FEC através de canções de países participantes, levando em alguns casos mesmo ao boicote de outros integrantes.

H6: É esperado que as representantes do sexo feminino tenham melhor classificação final que os outros tipos de representação.

Durante décadas os países levaram ao certame europeu vários tipos de representações. Uns fizeram-se representar por uma cantora, outros por um cantor, há quem tenha levado duos ou até mesmo bandas (para além da orquestra existente até à viragem do milénio). Apesar do FEC ser um concurso musical onde o objetivo principal é avaliar as canções, parece que a escolha do representante pode ter impacto no sucesso ou não da proposta musical, sendo as representantes do sexo feminino mais favorecidas, havendo uma tendência de obterem uma melhor classificação (Haan, Dijkstra, & Dijkstra, 2005).

CAPÍTULO III: Metodologia

A presente investigação realiza a sua análise na votação de quarenta e um países europeus participantes no Festival Eurovisão da Canção durante o período de 2004 a 2015 (12 edições), de forma a ser possível verificar a influência do modelo misto de votação sobre a troca de pontos e sobre outros fatores internos e externos ao próprio espetáculo, em comparação com o antigo modelo de votação de televoto. Neste caso a escolha do método comparativo justifica-se com o facto de um dos principais objetivos desta investigação ser o de compreender o efeito da reintrodução dos jurados (modelo misto) sobre as votações dos países participantes no FEC. Este método é pertinente na minha investigação pois existe a comparação de casos (neste caso, votações), assumindo as similaridades e diferenças, de forma a ser possível evidenciar os fatores que possam estar na origem da diferença entre cada um deles (Read & Armstrong, 1994). Para além disso, apesar de se tratar de um modelo pouco potente, apresenta aspetos positivos em relação à profundidade que permite conseguir tratar cada um dos casos (Anduiza, Crespo, & Méndez, 2009).

Quiçá a principal desvantagem deste método seja o facto de ser mais indicado para uma análise com grande número de variáveis e um número reduzido de casos. Contudo, nesse cenário Ljphart (1971) sugere o possível aumento dos casos em estudo, levando assim a ampliar o âmbito da comparação, e simultaneamente a controlar as hipóteses. Por outro lado, o excessivo número de casos pode levar facilmente a um “estiramento conceptual”, uma vez que os significados relacionados ao conceito original, podem não se adaptar aos novos casos (Schneider & Schmitt, 1998: 34). Neste caso, Schneider e Schmitt apresentam como alternativa o aumento do número de casos com a aplicação de rigorosos critérios de seleção dos casos escolhidos, juntamente com a redução do número de variáveis. Já no caso das muitas variáveis, Ljphart refere que é necessário perceber qual o é o núcleo central da comparação: se incluir algumas variáveis que não são centrais para a investigação, permitindo um baixo controlo sobre as mesmas, ou por outro lado, reunir variáveis centrais à análise, possibilitando uma avaliação mais concreta da sua influência (Collier, 1999). Para além disso, outra forma de reduzir o número de variáveis passa precisamente por combiná-las entre si, tendo como principal

contrapartida, uma maior focalização da perspectiva teórica do estudo em termos da sua precisão analítica (Schneider & Schmitt, 1998).

Uma análise comparada implica uma série de passos que se articulam de forma diferenciada segundo distintas orientas metodológicas. Schneider e Schmitt (1998) sistematizaram três dimensões implícitas nesse processo: a seleção de duas ou mais séries de fenómenos que sejam efetivamente comparáveis, a definição dos elementos a serem comparados e a generalização.

Na minha dissertação o método estatístico será utilizado, pois pretendo realizar uma análise descritiva da troca de pontos de 41 participantes, agrupados em blocos geopolíticos, durante o modelo de televoto (2004-2009) e durante o modelo misto (2009-2015). Em seguida, irei empreender uma análise da Regressão Linear, com o fim de perceber a coesão dentro dos cinco blocos geopolítico. A Regressão Linear usa-se em duas ocasiões: quando se quer explicar ou quando se quer predizer (Matos, 1995). Sendo que no caso desta análise se pretende explicar, tendo em conta uma relação causa-efeito, se a introdução do modelo misto de votação produziu uma influência na coesão ou na dissipação de votos dentro dos blocos geopolíticos de votação. Outro dos métodos estatísticos será o *T-Test* para a igualdade das médias para aferir se existe uma diferença clara no resultado final, atuando no início ou no fim da ordem de atuação.

3.1 Fonte de Dados

Esta investigação será ancorada em metodologia extensiva baseada nas votações de 41 países participantes no Festival Eurovisão da Canção no período entre 2004 a 2015, sendo os dados recolhidas do *web site* oficial do certame (eurovision.tv)²⁰ e do *web site* ESC Data Base²¹. Através do sítio oficial da Eurovisão é possível ter acesso a tabelas com a troca de pontos entre os países participantes, como também possibilita o acesso a informações relacionadas com o país participante e com os seus representantes ao longo dos anos. Já o *site* ESC Data Base é uma base de dados que permite ter acesso às votações por ano, sendo possível também agrupá-las por períodos (o que se vai revelar bastante útil no meu projeto de investigação, tendo em conta que eu pretendo analisar as votações em dois períodos distintos).

Ficaram excluídos desta análise as votações dos países que apenas participaram no FEC enquanto vigorou um dos dois modelos de votação em análise: Andorra, Austrália, Eslováquia, Mónaco, Itália, República Checa, e São Marino. Andorra apenas participou durante o período do televoto (2004-2009) tendo se retirado do certame definitivamente em 2009. Com o Mónaco acontece o mesmo, apenas participou três anos (2004-2006), não tendo voltado nunca mais ao

²⁰ O sítio oficial da internet do Festival Eurovisão da Canção: <http://www.eurovision.tv/page/timeline>

²¹ O sítio da internet da base de dados sobre o FEC: <http://www.esc-database.com/>

certame. A Eslováquia entrou no FEC em 1994, mas teve vários anos retirado, voltando em 2009, ano de transição do modelo de televoto (em que nas semifinais vigorou o sistema de televoto e na final já foi implementado o novo sistema misto). A Itália ausentou-se do certame quinze anos, voltando apenas em 2011, quando o sistema de votação já era misto, não tendo nunca participado durante o sistema de televoto. A República Checa estreou-se no certame no certame em 2007, no entanto em 2010 retirou-se voltando em 2015, tendo apenas conseguido alcançar a final em 2016 (ano que já não está incluído na análise). Por fim, São Marino entrou no certame europeu em 2008, tendo se ausentado logo na edição seguinte, voltando apenas em 2011. Para além disso o São Marino não tem televoto, tendo sido um jurado profissional escolhido pela SMTV (Televisão de São Marino) sempre encarregue de outorgar as valorações da pequena república.

3.2 As Variáveis em Estudo

Este subponto tem como objetivo principal apresentar um conjunto de variáveis em estudo e que serão utilizadas para explicar a votação de 41 países participantes no Festival Eurovisão da Canção no período entre 2004 e 2015.

As variáveis são dados que as hipóteses referem, definindo as relações de causa e efeito que se espera que venham a suceder entre elas. (Sousa, 2005). Consequentemente, esta investigação tem um objeto de estudo bastante claro, perceber a influência do modelo misto sobre as votações, comparando com o anterior modelo, o modelo de televoto, assim sendo a variável dependente de toda a análise é o voto.

Para além disso, uma investigação necessita também de variáveis independentes que possam vir a influenciar ou não a variável dependente. Nesta investigação existirão cinco variáveis independentes, sendo todas variáveis qualitativas nominais, que testarão os seus efeitos sobre o voto: o modelo misto de votação, os movimentos migratórios, a geopolítica, a ordem de atuação e os conflitos. O modelo misto de votação é uma variável categórica nominal que permitirá perceber o impacto da introdução dos jurados sobre as votações. Já a variável dos movimentos migratórios possibilitará verificar a influência do voto da diáspora nas votações dos países participantes. A geopolítica é uma variável qualitativa nominal que permitirá averiguar o voto entre os blocos cinco blocos geopolíticos (bloco Ocidental, bloco Nórdico, bloco de Leste, bloco do Mediterrâneo Oriental e bloco dos Balcãs), assim como a coesão dos mesmos. A variável dos conflitos irá através dos indicadores voto e anti voto, perceber o impacto dos conflitos políticos, militares e religiosos sobre o voto. Por fim, a ordem de atuação permitirá perceber se o posicionamento da canção tem efeito nas votações e no seu resultado final.

CAPÍTULO IV: Análise dos dados

4.1 Amostragem

Como mencionado antes, esta projeto de dissertação pretende analisar a influência do novo modelo de votação sobre as votações, assim como sobre outros fatores intrínsecos ou externos ao próprio festival. Assim sendo a amostra selecionada são os votos trocados pelos países 41 países participantes (no total são 48, mas 7 foram excluídos e não entram na análise) durante nas 12 edições do FEC que se realizaram entre 2004 e 2015. No entanto, por razões de logística e tempo não foram incluídas todas as votações, e serão analisados apenas os dez países melhor pontuados durante os dois períodos em análise (2004-2009 e 2009-2015) por cada país participante (sendo contabilizados as pontuações nas semifinais e nas finais). Os quadros com os dez países melhor laureados por cada país participantes estão presentes nos anexos (Anexo A).

4.2. O modelo misto de votação e os blocos geopolíticos

O desmantelamento dos regimes soviético e jugoslavo e conseqüente (re)surgimento de novos países na Europa, aliado à introdução de uma semifinal, fez com que entrassem massivamente novos país no concurso. Isso originou também mudanças nos blocos de votação que se registavam no certame até então. A minha análise vai basear-se nos cinco blocos geopolíticos propostos pelo investigador australiano Anthony Derek, que em 2007, empreendeu uma análise às votações do FEC de 2005: o bloco Ocidental²², o bloco Nórdico²³, o bloco de Leste²⁴, o bloco dos Balcãs²⁵ e o bloco do Mediterrâneo Oriental²⁶. Assim sendo, os quarenta e um países participantes foram divididos nestes blocos tendo em conta a análise de Derek. Através da técnica de análise estatística da Regressão Linear procurou-se compreender se o modelo misto e os diferentes blocos geopolíticos (variáveis independentes) explicam a proporção de votos (variável dependente).

²² Fazem parte do bloco Ocidental (11 países): Áustria, Bélgica, Suíça, Alemanha, Espanha, França, Reino Unido, Irlanda, Israel, Países Baixos e Portugal (a ordem dos países baseia-se na ordem alfabética do código ISO 3166-1)

²³ Fazem parte do bloco Nórdico (5 países): Dinamarca, Finlândia, Islândia, Noruega e Suécia.

²⁴ Fazem parte do bloco de Leste (13 países): Arménia, Azerbaijão, Bielorrússia, Estónia, Geórgia, Hungria, Lituânia, Letónia, Moldávia, Polónia, Roménia, Rússia e Ucrânia.

²⁵ Fazem parte do bloco dos Balcãs (7 países): Albânia, Bósnia, Croácia, Antiga República Jugoslava da Macedónia, Montenegro, Sérvia e Eslovénia.

²⁶ Fazem parte do bloco do Mediterrâneo Oriental (5 países): Bulgária, Chipre, Grécia, Malta e Turquia.

	β	p
Modelo Misto	-,064	,308
Bloco Nórdico	,487	,000
Bloco Mediterrâneo Oriental	,099	,166
Bloco Leste	,926	,000
Bloco Balcânico	,568	,000
R ² ajustado	0,685	

Quadro 2- A coesão intrabloco (2004-2015).

O quadro 2 demonstra que o modelo misto não tem influência na proporção dos votos e por conseguinte, na coesão dos blocos. Esta análise tem como base o bloco Ocidental (que não aparece no quadro), que é o bloco menos coeso, atribuindo mais pontos aos países fora do seu bloco, apresentando por isso, pouca coesão. Tendo como base de comparação o bloco Ocidental, todos os outros blocos apresentam uma maior coesão, sendo isso mais visível nos blocos de Leste, bloco dos Balcãs e bloco Nórdico, apresentando uma grande coesão intrabloco. Apesar do bloco do Mediterrâneo Oriental também apresentar um nível positivo, não tem significância estatística na variável dependente.

2004-2009	Ocidental	Nórdico	Leste	Med. Or.	Balcânico
Ocidental	15,37%	11,51%	32,26%	24,94%	15,52%
Nórdico	3,73%	51,77%	18,12%	8,63%	17,72%
Leste	4,52%	18,55%	62,61%	8,88%	5,32%
Med. Or.	3,32%	9,55%	44,51%	25,67%	16,91%
Balcânico	2,02%	4,90%	12,28%	21,87%	58,91%
Total	6,90%	16,61%	37,34%	17,74%	20,46%

Quadro 3 - Troca de pontos entre blocos durante o modelo misto de votação (2009-2015). A cinzento estão assinaladas as percentagens correspondentes ao voto intrabloco e a salmão estão indicados os maiores valores de pontos em percentagem dados por cada bloco (que em alguns casos é ao próprio bloco).

2009-2015	Ocidental	Nórdico	Leste	Med. Or.	Balcânico
Ocidental	14,09%	32,27%	33,81%	12,23%	7,57%
Nórdico	20,64%	42,41%	30,20%	3,48%	3,25%
Leste	7,73%	20,65%	61,09%	9,95%	0,55%
Med. Or.	7,91%	17,33%	45,76%	16,91%	12,07%
Balcânico	7,68%	11,89%	22,99%	14,84%	42,57%
Total	11,00%	24,59%	42,19%	11,39%	10,81%

Quadro 4 - Troca de pontos entre blocos durante o modelo misto de votação (2009-2015). A cinzento estão assinaladas as percentagens correspondentes ao voto intrabloco e a salmão estão indicados os maiores valores de pontos em percentagem dados por cada bloco (que em alguns casos é ao próprio bloco).

Nos quadros 3 e 4 é possível observar a troca de pontos, em percentagem, entre os blocos geopolíticos presentes no FEC. Os quadros com os pontos outorgados por cada país (ainda sem estar agrupados em blocos) podem ser consultados no Anexo A. Tal como já indicava a Regressão Linear, os blocos Nórdico, de Leste e dos Balcãs são os que apresentam uma maior percentagem de voto dentro do próprio bloco, apesar de que a introdução do modelo misto tenha feito decair o voto interno nos blocos Nórdico e dos Balcãs para valores abaixo dos 50% (42,41% e 42,57% respetivamente). Apesar de manter valores acima de 60%, o bloco de Leste também teve um decréscimo de voto dentro do próprio, ainda que reduzido (cerca de 1%).

O bloco Ocidental parece ser um dos que mais beneficia com este modelo, tendo aumentado a votação de todos os blocos (com exceção do próprio bloco Ocidental, onde o voto intrabloco chegou a cair cerca de 1% de um modelo para o outro), sendo esse crescimento mais significativo no bloco Nórdico, que durante o modelo de televoto atribuía cerca de 3,73% dos seus votos ao bloco Ocidental, subindo este valor com o modelo misto para mais de 20%. Em sentido contrário, os blocos do Mediterrâneo Oriental e dos Balcãs são dos que apresentam uma maior queda nos resultados globais, tendo as votações nos seus blocos decrescido de 6% no caso do bloco mediterrânico e cerca de metade (10%) no bloco dos Balcãs. Como possíveis causas destas quedas nas votações no bloco Mediterrâneo Oriental poderão estar a saída da Turquia do FEC em 2013, país que apresentava normalmente bons resultados na competição e a retirada temporária do Chipre na edição 2014. Já no que diz respeito ao bloco dos Balcãs, as ausências do Montenegro entre 2010 e 2012, da Bósnia e Herzegovina entre 2013 e 2016, da Croácia entre 2014 e 2016 e da Sérvia em 2014 parece ter beliscado tanto a coesão do bloco Balcânico, assim como a percentagem de pontos recebidos de outros blocos. De salientar ainda, o crescimento do total de votos recebidos por parte dos blocos Nórdico e Leste, subindo cerca de 8% o bloco Nórdico e 7% o bloco de Leste durante os anos de vigência do modelo misto.

Esta análise descritiva permitiu responder a duas hipóteses de investigação: *É espectável que a introdução do sistema misto de votação tenha alterado substancialmente a votação entre os blocos geopolíticos, relativamente ao que se verificava no período de televoto* e *É espectável que os países do bloco ocidental tenham saído beneficiados com o modelo misto*. A introdução do modelo misto trouxe mudanças nas votações entre os blocos (mais significativas nuns blocos que outros), assim como favoreceu o bloco ocidental que aumentou não só a percentagem de voto total, como ainda viu reforçado as votações recebidos de outros blocos. Assim sendo é possível confirmar ambas as hipóteses de investigação (H.1 e H.4).

4.3 O impacto da diáspora nas votações

Na literatura, o voto da diáspora é bastante abordado como uma das principais razões para a troca de pontos entre certos países, sendo também considerado como o principal

responsável pela vitória de certos países (Turquia em 2003, Ucrânia em 2004 e Rússia em 2008). Como forma de verificar a influência do voto da diáspora nas votações foram recolhidas informações acerca das cinco maiores comunidades imigrantes em cada um dos países em análise e posteriormente cruzadas com os pontos que esses países davam a esses países. Como uma análise país a país seria bastante morosa e levaria à criação de inúmeras tabelas e quadros (visto que estão quarenta e um países em análise), optei por levar a cabo uma análise tendo em conta os blocos geopolíticos, semelhante à análise anterior.

2004-2009	Ocidental	Nórdico	Leste	Med. Or.	Balcânico
Ocidental	23,60%	0%	36,70%	32,70%	6,84%
Nórdico	0%	69,20%	12,80%	8,03%	9,99%
Leste	2,37%	3,33%	87,80%	6,43%	1,53%
Med. Or.	4,40%	0%	20,40%	48,70%	26,30%
Balcânico	0%	0%	2,44%	14,82%	82,70%
Total	6,07%	36,27%	32,03%	22,14%	25,47%

Quadro 5 - Troca de pontos entre blocos geopolíticos, tendo em conta apenas as valorações dadas a países com uma grande comunidade imigrante no país votante durante o modelo de televoto (2004-2009). Tal como nos quadros 3 e 4, a cinzento estão assinaladas as percentagens correspondentes ao voto intrabloco e a salmão estão indicados os maiores valores de pontos em percentagem dados por cada bloco (que em alguns casos é ao próprio bloco).

No quadro 5 estão representados os valores dados, em percentagem, por cada diáspora tendo em conta os blocos geopolíticos. Para a obtenção destes dados foram apenas considerados os votos dados a países que pertencessem a algumas cinco grandes comunidades imigrantes nos países participantes (no caso português, por exemplo, entre o período 2004-2009 apenas foram consideradas as votações para a Ucrânia, Roménia e Espanha, tudo países que estão entre as cinco grandes comunidades imigrantes em Portugal), sendo depois isto replicado para todos os países em análise e juntado os resultados em blocos (voltando ao exemplo português, os pontos atribuídos à Ucrânia e Roménia foram contabilizados como votos do bloco Ocidental para o bloco de Leste, enquanto que os votos para Espanha foram contabilizados como votos para o próprio bloco). Em anexo poderão ser visualizados os quadros com as dez maiores pontuações e com os países com diásporas assinalados. Os quadros com as informações em bruto (por agrupar) podem ser consultados no Anexos E e F.

O bloco Nórdico é o que possui um maior número de zeros, o que pode estar relacionado com a pouca imigração que os países escandinavos têm na restante Europa, que se restringe quase aos países circundantes (países do mesmo bloco). Essa pode ser a principal resposta para o facto dos votos da diáspora do bloco Nórdico irem na sua grande maioria (69,20%) para outros países do mesmo bloco. O caso oposto é o bloco Ocidental que apresenta a mais baixa percentagem de voto da diáspora no próprio bloco, indo grande parte dos votos

motivados pela imigração, para blocos como o de Leste ou do Mediterrâneo Oriental. A explicação para este fenómeno poderá estar na existência de uma grande diáspora de russos, ucranianos, romenos (bloco de Leste) e turcos (bloco do Mediterrâneo Oriental) nos países do bloco ocidental. Os europeus do Ocidente apesar de terem uma grande diáspora dentro e fora do bloco ocidental parece não serem propensos a votarem nos seus países de origem como fazem outras diásporas. Este facto pode prender-se com facto de grande parte da imigração dentro e fora de o bloco ser da chamada “imigração de reformados” (Roldão & Machado, 2012, p. 10) (como é o caso da imigração britânica e alemã) que parece não estar entrosada com o país ou com o certame. Esta realidade também explica o facto do bloco Ocidental não receber votos da sua diáspora presente em países de outros blocos e de ser o bloco com menos votação (6,07%)

Em sentido inverso, estão os blocos de Leste e dos Balcãs que recebem com o modelo de votação de televoto bastantes votos das suas diásporas (no total 32,03% e 25,47%), principalmente das comunidades imigrantes em países pertencentes ao mesmo bloco geopolítico. A convivência forçada a que alguns povos estiveram submetidos, principalmente durante o regime da União Soviética e da Jugoslávia, juntamente com a partilha de fatores culturais e geográficos, desenvolvidos ainda mais durante esses períodos, fez com que houvesse grandes fluxos migratórios nessas regiões, não obstante, sem perda de relações com os países de origem. Isso, aliado ao facto de não existirem grandes comunidades imigrantes provenientes de outros blocos, explica em grande parte a percentagem de votos que o bloco de Leste e dos Balcãs recebem das suas diásporas intrabloco. Por fim, o caso do bloco Mediterrâneo Oriental, que apresenta uma grande percentagem de voto de diáspora dentro do próprio bloco (48,70%), fruto da imigração grega em Chipre (e da cipriota na Grécia) e da imigração búlgara na Turquia. Para além disso, durante o período de 2004 a 2009, o bloco do Mediterrâneo Oriental também apresentava votos consideráveis para o bloco de Leste e para o bloco dos Balcãs, relacionados com a grande comunidade de imigrantes albaneses e romenos na Grécia e de imigrantes azeris, arménios e bósnios na Turquia.

2009-2015	Ocidental	Nórdico	Leste	Med. Or.	Balcânico
Ocidental	43,70%	0%	31,60%	17,80%	6,78%
Nórdico	5,81%	71,30%	17,40%	0,00%	5,34%
Leste	0,80%	1,20%	90,70%	7,10%	0,00%
Med. Or.	9,80%	0%	35,50%	31,70%	23,09%
Balcânico	0,00%	0%	2,44%	14,82%	82,70%
Total	12,02%	15%	35,53%	14,28%	23,58%

Quadro 6 - Troca de pontos entre blocos geopolíticos, tendo em conta apenas as valorações dadas a países com uma grande comunidade imigrante no país votante durante o modelo de televoto (2004-2009). Tal como nos quadros 3 e 4, a cinzento estão assinaladas as percentagens correspondentes ao voto intrabloco e a salmão estão indicados os maiores valores de pontos em percentagem dados por cada bloco (que em alguns casos é ao próprio bloco).

No quadro 6, onde estão representadas a troca de pontos entre blocos geopolíticos usando apenas como base apenas o voto em países com uma grande diáspora no país votante durante o modelo misto de votação, introduzido na Grande Final do FEC de 2009. Com o novo modelo de votação e com a reintrodução dos jurados, o bloco Ocidental aumentou a sua votação recebida pelos outros blocos (12,02%) e quase dobrando a votação dentro do próprio blocos (43,70%). Neste caso particular os jurados poderão ter ajudado a “barrar” o voto para os blocos de Leste e do Mediterrâneo Oriental, aumentando mais a votações noutros países do bloco Ocidental, que com o antigo modelo não eram tão valorizados. Tal como no bloco Ocidental, também a votação geral no bloco de Leste aumenta, subindo para 35,53%, não tendo os jurados impacto no voto na diáspora dos ex-países soviéticos ou alinhando os mesmos com os gostos e valorizações do público desses países.

Com este novo modelo saem desfavorecidos, o bloco Nórdico, o bloco do Mediterrâneo Oriental e o bloco dos Balcãs, descendo nos votos recebidos (de 36,27% para 15%, de 22,14% para 14,28% e de 25, 41% para 23,58%). O bloco Nórdico apesar de aumentar o voto dentro do bloco, diminui a percentagem do voto recebido do bloco de Leste, porque a introdução dos jurados fez com que votação da diáspora finlandesa na Estónia tivesse perdido poder na votação. O bloco do Mediterrâneo Oriental perde a votação do bloco nórdico, devido à queda da influência da imigração turca na Dinamarca, motivada possivelmente com a introdução dos jurados (e com o abandono da Turquia em 2012), que se refletia nas votações com o modelo de televoto e que perdeu o ímpeto com este novo modelo. Por fim, o Bloco Balcânico com este novo modelo consegue manter o voto dentro do próprio bloco, descendo na votação proveniente de todos os outros blocos. Com o novo modelo de votação, o bloco Balcânico chega a perder os pontos oriundos da diáspora no bloco de Leste, motivada pela queda da votação da diáspora sérvia na Hungria.

	Televoto	Misto	Total
Ocidente	36,20%	23,40%	29,49%
Nórdico	33,69%	26,89%	30,13%
Leste	45,69%	44,25%	44,90%
Med. Or.	35,24%	37,94%	36,59%
Balcânico	57,36%	43,77%	50,57%

Quadro 7 - Impacto do voto da diáspora sobre as votações dos blocos durante os dois modelos e sobre o período total em análise.

Para além das votações da diáspora nos blocos geopolíticos, é também importante perceber o impacto da diáspora sobre o total de votos. Para a obtenção dos dados do quadro 7 foram divididos os votos que cada bloco atribuía aos países de origem das diásporas presentes nos seus territórios sobre o total de pontos de cada bloco, obtendo assim a influência dos

mesmos sobre as pontuações gerais (é possível observar o quadro em bruto no Anexo E). Através de uma análise rápida é possível perceber que a introdução do novo modelo de votação (e consequentemente dos jurados como forma de valorar as canções/países) o impacto das diásporas diminuiu em todos os blocos, com exceção do bloco do Mediterrâneo Oriental, que teve uma leve subida, provavelmente motivada pelo facto dos jurados poderem ter vindo ajudar a “sara” algumas feridas num bloco muito pouco coeso e com conflitos entre alguns países integrantes (o conflito entre o Chipre e a Grécia com a Turquia). Assim sendo, é possível confirmar a terceira hipótese de investigação (H.3).

4.4 Os conflitos e as votações

4.4.1 Conflito entre Chipre e Turquia

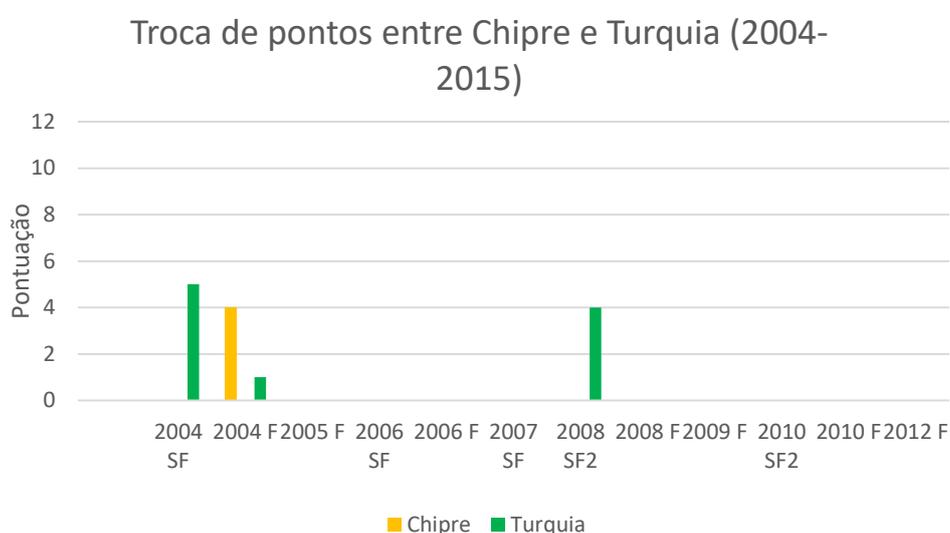


Figura 4 – Troca de pontos entre o Chipre e a Turquia no período entre 2004 e 2015.

O Chipre e a Turquia têm relações bastante conturbadas. Depois da independência em 1960, o governo da ilha foi vítima de um golpe de Estado com o objetivo de anexar o Chipre à Grécia durante a ditadura dos Coronéis (1967-1974) devido à grande maioria da população ser de origem helénica. A Turquia retaliou com a invasão da zona norte da Ilha, como forma de proteger a minoria turca, segundo o governo turco. Desde então que a ilha está dividida e em 1982 a zona norte declarou a independência como República Turca do Chipre Norte (sendo apenas reconhecido pela Turquia). Atualmente o Chipre e a Comunidade Internacional não reconhecem a independência do Chipre do Norte (zona turco-cipriota), nem a Turquia reconhece a independência da República do Chipre (zona greco-cipriota).

As relações entre ambos os países parecem terem tido influência na troca de pontos durante vários anos. O Chipre entrou na competição em 1981 e esteve 22 anos sem outorgar um único ponto ao país euroasiático, atribuindo os primeiros pontos (oito pontos) em 2003 (ano da

vitória turca). No mesmo sentido, a Turquia só atribuiu os primeiros pontos ao Chipre em 2004 (ano em que a Turquia sediou o festival), depois de 23 anos de “boicote”. Na figura 4, estão representados o número de pontos trocados entre Chipre e Turquia entre 2004 e 2015.

Numa análise rápida é possível constatar que a troca de pontos entre ambas as nações continua bastante escassa, no entanto a Turquia parece mais generosa que o Chipre. Em 2004 a Turquia atribuiu cinco pontos ao Chipre na semifinal do FEC e um ponto na final (ano em que o Chipre conseguiu uma das melhores classificações de sempre, um quinto lugar), enquanto que o Chipre outorgou quatro pontos à canção turca na final da competição. Apenas quatro anos depois a Turquia voltaria a presentear uma canção cipriota com quatro pontos, na 2ª semifinal da edição de 2008, no entanto insuficientes para o Chipre conseguir o apuramento para a grande final. Por sua parte, mesmo conseguindo bons resultados (4º lugar em 2007, 7º em 2008, 4º em 2009 e 2º lugar em 2010) o Chipre nunca mais atribuiu pontos a canções turcas até 2012, ano em que o país transcontinental se retirou do festival, como força de protesto contra o apuramento direto dos cinco países pertencentes ao *Big Five*²⁷.

4.4.2 Conflito entre Rússia e Geórgia

Troca de pontos entre Rússia e Geórgia (2007-2015)

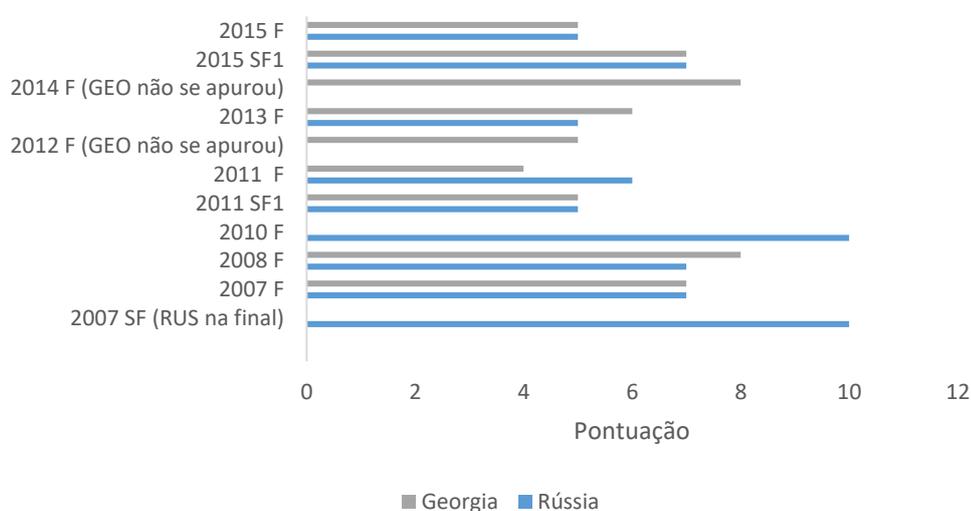


Figura 5 - A troca de pontos entre a Geórgia e a Rússia entre 2007 e 2015.

As relações entre a Rússia e a Geórgia “azedaram” em 2009, quando a Rússia invadiu a Ossétia do Sul e a Abecásia, duas regiões separatistas reconhecidas internacionalmente como parte do território georgiano. Tanto a Ossétia do Sul como a Abecásia eram territórios que faziam parte do império russo. Com a revolução bolchevique passaram a fazer parte da

²⁷ Informação obtida em:
http://eurovisionworld.com/?esc=turkey_will_not_participate_in_eurovision_2016

República Soviética da Geórgia, mantendo, contudo, autonomia relativamente a Tbilissi. Com a queda da União Soviética a Geórgia declara a independência e anula as autonomias. Ambas as regiões declararam a independência da Geórgia, tentando a Ossétia do Sul juntar-se à Ossétia do Norte (que fazia parte da Federação Russa). Nos anos 90 a Geórgia assinou dois cessares-fogo com ambas as regiões separatistas. No verão de 2008, a Ossétia do Sul bombardeou regiões georgianas. Em retaliação a Geórgia invadiu a Ossétia do Sul e mais tarde também a Abecásia (pois a Abecásia decidiu invadir a Geórgia como forma de apoio aos ossetas). A Rússia que tinha forças de paz nos dois territórios reforçou o seu contingente militar nas duas regiões, entrando na contenda. A Rússia bombardearia regiões georgianas incluindo a capital. No fim do mês de agosto de 2008 o conflito cessa e a Rússia decide reconhecer a independência da Ossétia do Sul e da Abecásia. Como consequência deste ato a Geórgia decide cortar relações com Moscovo.

A figura 5 recolhe em si as pontuações dadas entre a Rússia e a Geórgia entre 2007 e 2015. A Rússia entrou no certame em 1994, enquanto o pequeno país do Cáucaso só entraria na edição de 2007. Tanto na edição de 2007 como em 2008 os dois países outorgam pontuações altas entre si. Na edição de 2009, a primeira depois da guerra russo-georgiana e sediada precisamente em Moscovo, a Geórgia decide apresentar-se com uma canção chamada “We Don't Wanna Put In”. Entendida como um ataque pessoal ao então primeiro-ministro russo Vladimir Putin, a UER pede à emissora georgiana que altere a canção, pedido recusado pela Geórgia, que decide retirar-se do FEC nesse ano. Através da figura 5 é possível perceber que apesar de na edição de 2010 a Geórgia não ter dado nenhum ponto à Rússia (coisa que não sucedeu do lado russo, que atribuiu o segundo lugar à canção georgiana, concedendo-lhe 10 pontos), parece que a partir de 2011 as coisas voltaram ao normal com a sucessiva troca de pontos entre as duas nações. Apesar do diferendo entre estes dois estados, parece que este não tem tido muita influência.

4.4.3 Conflito entre Azerbaijão e Arménia

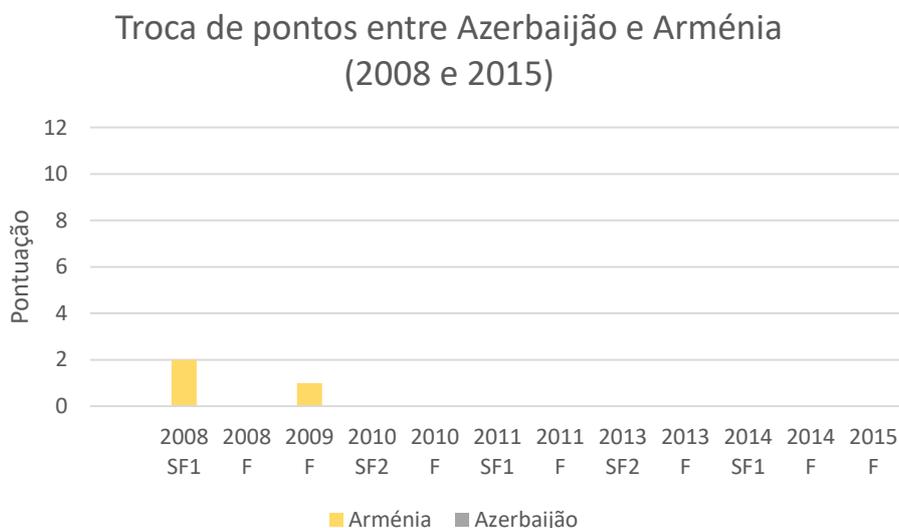


Figura 6 - A troca de pontos entre a Arménia e o Azerbaijão durante o período entre 2008 e 2015.

O Azerbaijão e a Arménia têm um diferendo pela região do Nagorno-Karabakh, que formalmente faz parte do Azerbaijão, mas que possui maioria de população arménia e cristã. A região declarou a sua independência em 1991, tendo a Arménia e o Azerbaijão partido para a guerra, mesmo sem declará-la oficialmente. O conflito durou até 1994, tendo a Rússia conseguido um cessar-fogo, ficando a região nas mãos da população arménia. Desde então que nunca foi alcançado um acordo final sobre a contenda. A tensão na região voltou a aumentar a partir de 2008 com o aumento da militarização por parte do Azerbaijão. Olhando para a figura 6, podemos ver que a troca de pontos entre os dois países é praticamente nula, acontecendo apenas do lado arménio e atribuindo apenas três pontos ao Azerbaijão (dois pontos na primeira semifinal de 2008, estreia do Azerbaijão na competição e um ponto na final de 2009, onde o Azerbaijão terminaria em terceiro lugar). Do lado azeri estamos perante aquilo a que Céspedes (2014) denomina de “anti voto”.

Para além de não atribuir pontos à Arménia, em 2009 os azeris que tinham votado telefonicamente na canção arménia desse ano foram citados para serem interrogados pelo Ministério da Segurança Nacional, acusados de serem “antipatriotas” e “uma ameaça para segurança”²⁸. Esta decisão do governo azeri, fez com que o Grupo de Referência da UER mudasse as regras do FEC, não permitindo que as cadeias de televisão possam dar informações acerca dos votantes a entidades estatais²⁹. Em 2012, o Azerbaijão, fruto da vitória da vitória na

²⁸ Informação obtida em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/8205907.stm>

²⁹ Informação obtida em: http://www.rferl.org/a/Eurovision_Changes_Rules_But_Does_Not_Sanction_Azerbaijan/1825025.html

edição anterior, organizou o FEC. Apesar dos esforços da organização para que a Armênia pudesse participar (o Azerbaijão mudou temporariamente a sua política de vistos, que impedia os armênios de entrar no país), declarações do presidente azeri contra os armênios, juntamente com protestos armênios em enviar uma delegação a Baku, acabaram mesmo por levar ao boicote nessa edição.

4.4.4 O conflito entre a Albânia e a Sérvia

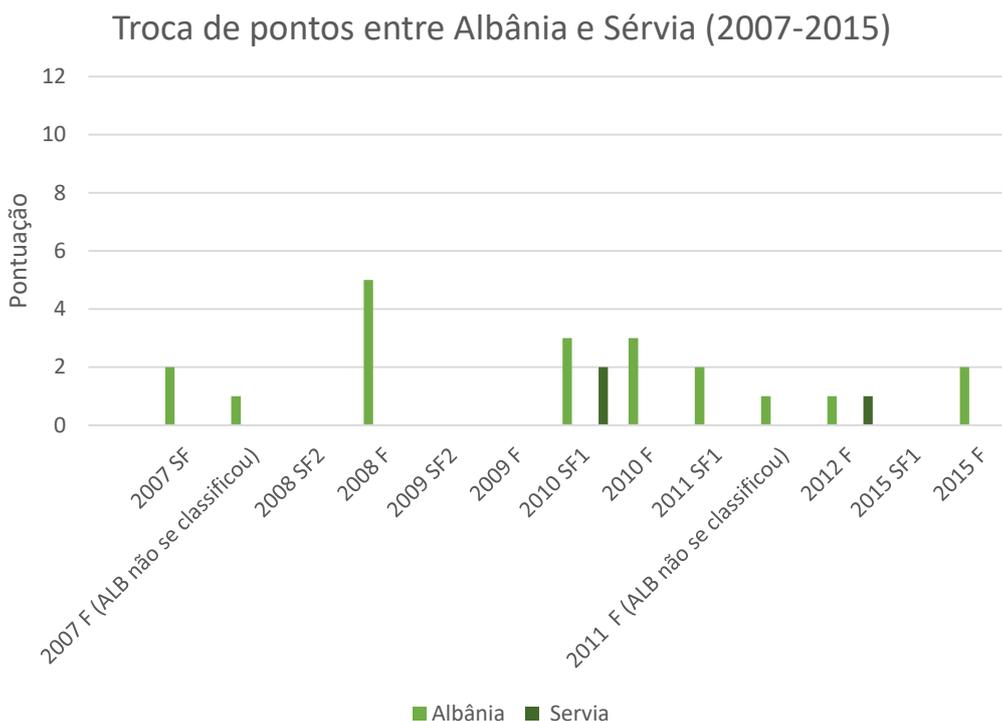


Figura 7 – Troca de pontuações entre a Albânia e a Sérvia no período entre 2007 e 2015.

A Albânia e Sérvia têm mantido desde há umas décadas, relações bastantes conturbadas devido à região do Kosovo, região sérvia de maioria albanesa que pediu unilateralmente a independência em 2008. A região fez parte do Império Otomano e mais tarde da Grande Albânia, tendo ficado para a Jugoslávia depois da derrota dos países do eixo (dos quais a Albânia era aliada) em 1945. O Kosovo manteve sempre o estatuto de autonomia dentro da Sérvia até à década de 1990 a autonomia foi suprimida e os meios de comunicação kosovares em albanês fechados. Surgiu então o Exército de Libertação do Kosovo (ELK), que começou uma guerra de guerrilha contra órgãos oficiais do estado. A guerra durou até 1999, quando o governo jugoslavo aceitou transferir a soberania do governo da província para as Nações Unidas. Depois de negociações falhadas entre ambas as partes, supervisionadas pelas Nações Unidas, o parlamento do Kosovo decide declarar a independência da região a 18 de fevereiro de 2008. A Albânia, país sempre partidário da independência do Kosovo, foi o primeiro país a

reconhecer a independência, enquanto a Sérvia continua a reclamar a região como parte do seu território.

A figura 7 contém a troca de pontos entre a Albânia e Sérvia e através dele é possível que o mal-estar entre os dois países também se estende ao Eurofestival. A Albânia estreou-se em 2004 (ano da introdução da semifinal), tal como a Sérvia e Montenegro, no entanto nesta análise só estão presentes as votações da Sérvia, que participa sozinha desde 2007. Nos anos em análise a Albânia nunca atribuiu mais de cinco pontos à Sérvia, enquanto a Sérvia nunca presenteou a Albânia com mais de dois pontos. Nos anos circundantes da declaração de independência do Kosovo, a Sérvia não atribui nenhum ponto à Albânia, sendo os primeiros pontos (dois pontos) na primeira semina da Eurovisão 2010, onde ambos os países participavam. Os sérvios voltariam a presentear com um ponto a canção albanesa de 2012 (ano em que Albânia conseguiu um dos seus melhores lugares na competição, um quinto lugar). No que toca aos albaneses, a Albânia atribuiu sempre tímidas pontuações às candidaturas sérvias, ainda que mais generosas que as pontuações sérvias para com as canções albanesas, tendo atribuído cinco pontos à canção sérvia de 2008 (quando a Sérvia sediou o certame), contudo apenas atribuiu um ponto às canções de 2007 (que saiu vencedora) e de 2012 (que terminou em 3º). Sendo possível constatar algum incómodo nas votações de ambos os países, parecendo este incómodo mais latente do lado sérvio.

4.4.5 Conflito entre Espanha e Reino Unido

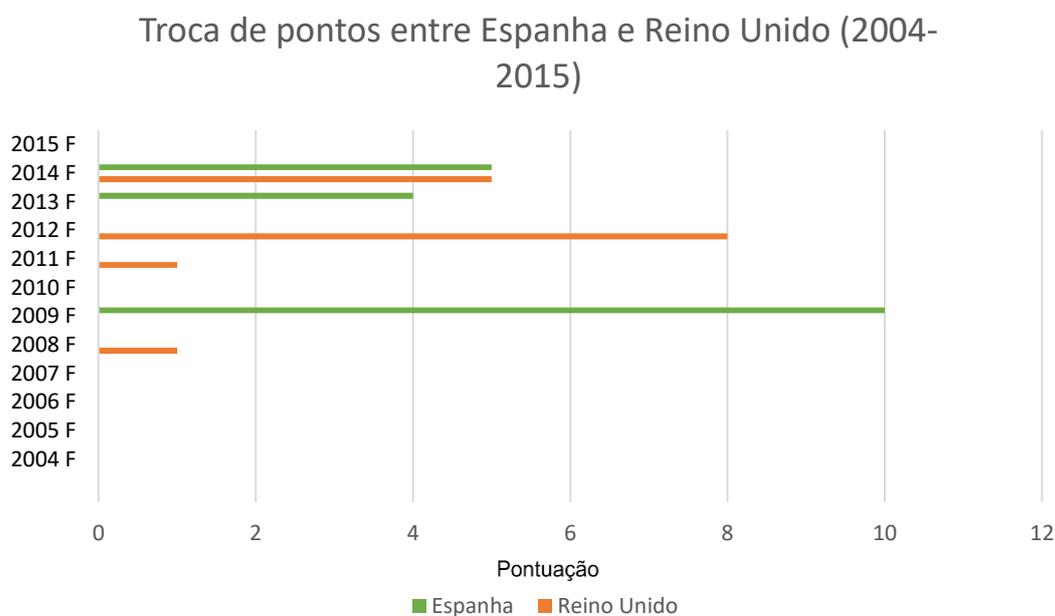


Figura 8 – Troca de pontuações entre a Espanha e o Reino Unido durante os anos de 2004 e 2015.

Segundo um relatório sobre informação diplomática do Ministério dos Negócios Estrangeiros espanhol, as relações de Espanha com o Reino Unido são “intensas, fluídas e privilegiadas”³⁰, sendo principalmente próxima no que toca às relações comerciais e económicas. Não obstante, apesar das boas relações entre os dois estados europeus, há uma “pedra no sapato” na diplomacia de ambos os países, que é o estreito de Gibraltar. Gibraltar é um pequeno estreito no sul de Espanha que foi cedido ao Reino Unido no Tratado de Utrecht de 1713. Ainda durante o século XVIII, Espanha tentaria por diversas vezes recuperar a cidade, sem êxito. As investidas espanholas voltariam durante o governo de Franco depois da ONU aprovar duas resoluções sobre Gibraltar (2231 e 2353) onde incita ao diálogo entre os governos dos dois países. Atualmente a região faz parte da lista de territórios a descolonizar, do Comité Especial de Descolonização das Nações Unidas³¹. Contudo, apesar das investidas espanholas, o Reino Unido recusa-se a dialogar sobre a soberania da cidade e através de referendo os gibraltinos também rejeitaram separar-se do Reino Unido. A vitória em referendo da saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit) veio reacender as posições de ambas as partes.

No que diz respeito ao FEC, através da análise da figura 8, é possível observar que existe alguma troca de pontos entre os países. Ambos os países fazem parte dos *Big 5* e por isso têm assento na grande final do FEC só se encontrando lá. No período em que vigorou o televoto a única vez que se votaram foi em 2008, quando o Reino Unido presenteou Espanha com um ponto (que pode estar relacionado com os maus resultados consecutivos que ambos os países obtiveram naquele período), enquanto depois da introdução do modelo misto de votação as trocas de pontos entre ambos os países tornaram-se mais habituais. Em 2009, a Espanha considera a canção britânica a segunda melhor do concurso e atribui dez pontos ao Reino Unido (ano em que o Reino Unido obtém a melhor classificação desde a viragem do milénio, um quinto lugar). O Reino Unido atribui um ponto à candidatura espanhola de 2011 e oito pontos em 2012 (ano que em Espanha termina em 10º, o melhor resultado dos últimos anos). Espanha voltaria a conceder pontos ao Reino Unido na edição 2013, quatro pontos mais concretamente, não sendo correspondido pelo Reino Unido (possivelmente pelo péssimo resultado que obteve a canção espanhola, terminando em penúltimo). Na edição de 2014 os dois países trocaram o mesmo número de pontos, cinco pontos, voltando a não trocar pontos em 2015, muito possivelmente pelos maus resultados de ambas as candidaturas (22º lugar para Espanha e 24º para o Reino Unido). Apesar de tudo, o diferendo pela soberania de Gibraltar parece não ter

³⁰ Informação obtida em:

http://www.exteriores.gob.es/documents/fichaspais/reinounido_ficha%20pais.pdf

³¹ Informação obtida em:

http://www.un.org/en/decolonization/pdf/Gibraltar%202015%20profile_15%20Dec%202015.pdf

influência nos pontos trocados entre ambos os países, estando os anos em que ambos países não se votaram a anos de más prestações no concurso.

Para finalizar, é possível perceber que os conflitos possuem efeitos nas votações entre os países, variando o seu impacto em função da críspação que exista em cada um o dos países em conflito. Nos casos dos conflitos entre Chipre e Turquia, Albânia e Sérvia e Azerbaijão e Arménia aos conflitos políticos e territoriais juntam-se ainda diferenças religiosas que possibilitam ainda mais o sentimento de rejeição entre comunidades. Assim sendo, pode considerar-se como confirmada a hipótese 5.

4.5 Ordem de atuação e atenção: impactos de fatores intrínsecos do festival no resultado

4.5.1 Impacto do intervalo

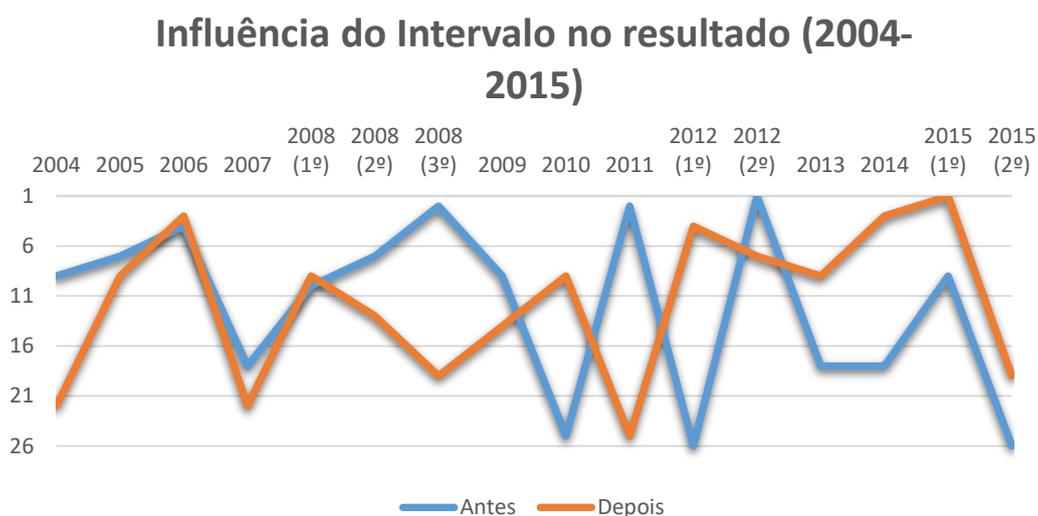


Figura 9 – O impacto de atuar antes e depois do intervalo no resultado final entre 2004 e 2015.

A figura 9 ajuda a compreender se existe de facto uma interferência da paragem entre atuações no resultado final, através da comparação entre os resultados finais das canções que atuaram antes e depois do intervalo na Final do Festival Eurovisão da Canção no período entre 2004 e 2015. Tendo em conta a mudança no modelo de votação na grande final de 2009, começarei por analisar separadamente o período de 2004 a 2008 e em seguida, o período de 2009 a 2015. No período de televoto é possível perceber que a canção que atuou depois do intervalo, com exceção de 2006 e do 1º intervalo da Final de 2008, ficou sempre pior classificada que a canção que atuou imediatamente antes da paragem televisiva.

A partir de 2009 e da introdução do modelo misto de votação, apesar de alguma “turbulência” no ano 2010 e 2011, depois de 2012 parece que a tendência que se verificava durante o modelo e televoto se altera. Em 2010, a canção que se apresentou depois do intervalo conseguiu ficar melhor classificada do que a que se apresentou antes, mas na edição do ano seguinte a canção que atuou depois da paragem, caiu para o fim da classificação, enquanto que a atuou antes terminou no segundo posto. A partir de 2012, a tendência estabiliza, ficando a canção que atuou depois do primeiro intervalo melhor classificada que a que atuou depois. No segundo intervalo, a tendência alterou de novo, mas desta vez a canção que se apresentou depois do intervalo ficou em 7º lugar, sendo que a canção que atuou depois venceu a edição desse ano. De 2013 em diante, a canção que atuou depois do intervalo passou a conseguir ficar sempre melhor classificada que a canção que atuou antes, culminando mesmo com a vitória em 2015, de uma canção que tinha atuado imediatamente antes do intervalo (primeira e única vez desde a criação da semifinal).

4.5.2 A influência de atuar em diferentes partes da ordem de atuação

Top 10	1ª parte	2ª parte
2004	50%	50%
2005	50%	50%
2006	10%	90%
2007	30%	70%
2008	40%	60%
2009	60%	40%
2010	30%	70%
2011	60%	40%
2012	40%	60%
2013	20%	80%
2014	40%	60%
2015	70%	30%
Televoto	3.6	6.4
Misto	4.6	5.4
Total	42%	58%

Quadro 8 - Percentagem das canções classificadas entre as dez primeiras, provenientes de cada parte da ordem de atuação (2004-2015).

Relativamente à influência da ordem de atuação no resultado final das canções a concurso, ao quadro 8 evidencia que há uma preponderância de canções que atuaram na segunda metade entre as dez melhores canções de cada edição no período em análise. Para a elaboração do quadro foram recolhidas as dez melhores classificações de cada ano, sendo-lhes atribuída uma cor, sendo o azul para as canções que atuaram na primeira metade da ordem de atuação (da primeira canção até à canção 12/13, apesar de a partir de 2008 o número de

finalistas varia, a primeira canção da segunda parte também tende a variar) e o vermelho para as que atuaram na segunda metade. Este quadro apenas apresenta as percentagens de canções de cada uma das metades da ordem de atuação de cada edição, podendo o quadro completo ser consultada no Anexo H.

Voltando ao quadro 8, existe uma clara tendência para surgirem entre os dez melhores países da classificação final, canções provenientes da segunda metade de atuação. Olhando para os totais, é possível perceber que as canções da segunda metade de atuação estiveram 58% entre as 10 melhores durante 2004 e 2015, enquanto que as canções que se apresentaram na primeira parte da ordem de atuação apenas conseguiram estar entre as dez melhores canções 42%. Esse domínio teve o seu apogeu nas edições de 2006 e 2013 onde as canções provenientes da segunda parte de atuação representaram 90% e 80% das canções no *Top 10* do FEC. Analisando tendo em conta os dois modelos de votação, podemos constatar que a média das canções que se apresentaram na primeira parte da ordem de atuação subiu com o modelo misto de votação de 3.6 (36%) canções no top 10 provenientes da primeira parte de atuação para 4.6 (46%).

4.5.3 Influência da ordem de atuação

O investigador norte-americano Wändi Bruine de Bruin concluiu em 2005 que há uma grande propensão para as últimas canções da ordem de atuação serem as mais votadas. Como forma de aferir se existe de facto um impacto de se atuar no fim ou no início do espetáculo, utilizou-se então a técnica estatística *t-test* para a igualdade das médias, analisando as classificações das primeiras oito canções a concurso comparando-as com as classificações das últimas oito canções. Inicialmente seriam apenas analisados os resultados das grandes finais entre 2004 e 2015 (12 edições), contudo, não era aconselhado utilizar esta técnica estatística com um N tão pequeno, sendo introduzidos também os resultados das semifinais (subindo o N para 32, 12 finais e 20 semifinais).

	Médias
Primeiras atuações	12,3867
Últimas atuações	9,4531

Quadro 9 - Medias das primeiras e das últimas atuações (das semifinais e finais entre 2004 e 2015)

Através do *t-test* é possível concluir que de facto existem diferenças no resultado final entre atuar no início ou no fim da ordem de atuação. As primeiras canções da ordem de atuação apresentam uma média superior às canções do fim, ou seja, tendem a ficar pior classificadas que as canções que atuam nos últimos lugares, que por sua vez apresentam uma média mais baixa.

Com o *t-test* conclui-se que estas diferenças são estatisticamente significativas ($p < 0,05$), sendo possível afirmar que as últimas atuações, têm em média, um melhor desempenho na votação final do que aqueles que atuaram logo ao abrir do concurso. Desse modo, é possível validar a hipótese *Devido à quantidade de canções a concurso espera-se que as últimas canções a atuar tenham uma melhor classificação do que as canções que atuaram nas primeiras posições* (H.2).

4.5. Impacto do representante no resultado final

Representante	Top 10	Top 3	Vencedor
Feminino	43,30%	44,44%	58,33%
Masculino	32,50%	30,55%	25,00%
Grupo	12,50%	13,88%	8,33%
Duo	11,66%	11,11%	8,33%

Quadro 10 - Percentagem da presença de cada um dos tipos de representante entre os dez primeiros, entre os três primeiros e tendo em conta apenas o vencedor do concurso.

No que toca à influência do representante nas votações, o quadro 10 demonstra genericamente que as mulheres são melhores sucedidas no certame. Para a elaboração do quadro 10 foram recolhidos os dados dos primeiros 10 classificados entre 2004 e 2015 e depois catalogados como “feminino”, “masculino”, “grupo” ou “duo”. Depois de somadas cada um dos tipos de representante foram convertidas em percentagem, para uma mais fácil análise. O quadro em bruto pode ser consultada no Anexo H. Tanto no *top 10* como no *top 3* as representantes do sexo feminino estão em maioria com mais de 40% de presenças entre os 10 melhores e os 3 melhores das 12 edições em análise, seguidas pelos representantes do sexo masculino com números a rondar os 30% nos dois casos. Em terceiro lugar, estão os grupos/bandas com 12,50% e por fim os representantes que atuaram em dueto, com 11,66%. No que toca somente aos vencedores, as representantes do sexo feminino “descolam” e sobem para 58,33% (com 7 vitórias em 12 edições), seguidas pelos representantes do sexo masculino com 25% (3 vitórias em 12 possíveis) e por fim, 8,33% para o grupo e para um dueto (1 vitória em cada um dos casos, em 12 finais do certame). Apesar de “tímido”, há uma clara tendência de que as representantes do sexo feminino obtenham melhor classificação do que os outros tipos de representação no certame, sendo assim possível validar em parte a hipótese *É esperado que as representantes do sexo feminino tenham melhor classificação que os outros tipos de representação* (H.6)

Top 10	Televoto	Misto
Feminino	40%	45,71%
Masculino	34%	31,42%
Grupo	18%	8,57%
Duo	8%	14,28%

Quadro 11 - Percentagem da presença de cada um dos tipos de representante entre os dez primeiros nos dois modelos de votação.

Como forma de tentar aferir se a introdução do modelo de misto de votação produziu diferenças substanciais, foi também elaborado o quadro 11. Para isso foram separados os resultados do modelo de televoto (2004-2008) e do modelo misto (2009-2015). No modelo misto as representantes do sexo feminino aumentam a sua percentagem de presença no *Top 10*, enquanto os representantes do sexo masculino diminuem ligeiramente. A grande diferença, parece estar na queda da representação por grupos/bandas, que cai de 18% para 8,57%, sendo substituído na 3ª posição pelos duetos, que sobem a sua presença entre os 10 melhores de 8% para 14,28%. Apesar, da perda de influência dos grupos, contrariamente ao que se passa com os duetos, o modelo misto de votação parece não ter muita influência, não variando muito as percentagens.

Capítulo V: Principais Conclusões

Reunir a Europa em frente ao televisor e coroar a melhor canção do Velho Continente sempre foi o principal objetivo da organização do Festival Eurovisão da Canção, no entanto, ao longo das décadas tem-se verificado que não é bem assim que as coisas acontecem, havendo várias variáveis externas ao certame que têm distanciado as votações do objetivo principal do concurso. A presente investigação demonstrou, precisamente, que subsistem ainda fatores externos às próprias canções que motivam a troca de valorações, ainda que a organização tenha tentado minimizá-los com a reintrodução dos jurados.

A imigração, a proximidade cultural, a partilha de fronteiras ou a história comum parecem ser fatores que pesam bastante na hora de votar, favorecendo os países que participam há menos tempo, muitos deles estados ainda recentes e que durante várias décadas partilharam soberania com nações vizinhas, estreitando, em alguns casos, os laços entre os mesmos. Durante o modelo de televoto verificavam-se pontuações altas para os países do bloco de Leste e do bloco dos Balcãs, principalmente dentro do próprio bloco auxiliado ainda por altas pontuações vindas de outros blocos onde havia uma diáspora significativa. O modelo misto de votação introduzido na final de 2009 com o objetivo de minimizar a transferência de pontos e diluir os alianças de voto (Céspedes, 2014), parece ter alcançado parte do seu pressuposto inicial. Através da análise foi possível perceber que o modelo misto teve impacto nas votações nos vários blocos, favorecendo os blocos que se apresentavam menos coesos durante o período do televoto (caso do bloco Ocidental e do Mediterrâneo Oriental), em detrimento dos blocos mais coesos (bloco de Leste, Nórdico e Balcânico).

O peso da diáspora é bastante significativo no certame, principalmente para os blocos de Leste, Balcânico e do Mediterrâneo Oriental, que para além de grandes minorias noutros territórios da Europa possuem também grandes comunidades imigrantes dentro dos mesmos blocos. A vitória da Turquia, Ucrânia, Grécia e Rússia enquanto vigorou o modelo de televoto pode ser em parte explicada com as grandes diásporas que estes países possuem na Europa. O modelo misto parece ter tido também influência neste campo, diminuindo o peso do voto da diáspora em quase todos os blocos (com exceção do bloco do Mediterrâneo Oriental), relativamente ao modelo de televoto, tendo caído com mais relevância nos blocos Nórdico, Ocidental e dos Balcãs.

Enquanto a geografia, a proximidade cultural e a imigração parecem atuar como um incentivo ao voto, os conflitos políticos e militares parecem atuar de forma contrária, funcionando como inibidor ao voto, anulando em alguns casos alguns fatores como os enunciados em cima. Neste projeto foi possível concluir que em norma os conflitos entre países

participantes se reflete nas pontuações trocadas entre ambos, ainda que podendo variar tendo em conta o estado do conflito ou a gravidade do mesmo. O conflito entre a Geórgia e a Rússia parece ter-se refletido nas votações da Geórgia para com a Rússia durante os anos circundantes, mas normalizando para números próximos aos que se registavam antes da contenda. Os conflitos entre a Arménia e o Azerbaijão e o Chipre e Turquia, apesar de “adormecidos” há algum tempo (com pequenos desenvolvimentos) parecem ser determinantes na quase inexistência de troca de votos entre ambos. Pelo contrário, no caso Espanha-Reino Unido, o conflito por Gibraltar não parece afetar as votações dos dois países.

Por último destaca-se a importância que os fatores intrínsecos ao festival têm no resultado final, denotando-se uma clara tendência para as canções que atuam no fim fiquem melhor classificadas do que canções que atuaram mais perto do início da transmissão. Para além disso, também se verifica uma maior predisposição durante os anos em análise para as canções provenientes da segunda metade de atuação ficarem melhor classificadas, ainda que o modelo misto tenha vindo “ajudar” as canções que atuaram na primeira metade. A dissertação também verificou que as mulheres são melhor sucedidas no certame que outros tipos de representantes, não tendo o modelo misto de votação grande significância sobre este tópico.

Bibliografia

- Akšamija, Azra (2005), "Eurovision Song Contest: Between Symbolism of European Unity and a Vision of the Wild, Wild East", *Europe Lost and Found*.
- Algora Weber, María Dolores (2002), *El conflicto de Chipre en perspectiva histórica*, Madrid, Centro Superior de Estudios de la Defensa Nacional.
- Anduiza, Eva e Ismael Crespo e Mónica Méndez (2009), *Metodología de la ciencia política*, Madrid, Centro de Investigaciones Sociológicas.
- Bernardino, Luís Manuel Brás (2013), "A gestão de conflitos e a competitividade em África. Uma problemática atemporal", *Sol Nascente*.
- Brosius, Hans-Bernd, e Wolfgang Schweiger(2004), "Eurovision Song Contest - How Do News Factors Influence the Audience Votes?", comunicação apresentada no colóquio *54th Annual Conference of the International Communication Association*, 27 a 31 de maio de 2004, Nova Orleães.
- Bruine de Bruin, Wändi (2005), "Save the last dance for me: unwanted serial position effects in jury evaluations", *Acta Psychologica*, pp. 245–260.
- Céspedes, José Manuel Rodrigo (2014), "Los sistemas de votación en Eurovisión: Una radiografía social de Europa (edición de 2014)".
- Chiavenato, Idalberto (2004), *Teoria Geral da Administração*, Rio de Janeiro, Elsevier Editora.
- Dekker, Anthony (2007), "The Eurovision Song Contest as a 'Friendship' Network", *Connections* 27, 3, pp. 53-58.
- Felbermayr, Gabriel J. e Toubal, Farid (2007), "Cultural Proximity and Trade".
- Ferreira, José Maria Carvalho e António Caetano e José Gonçalves Neves Neves (2011), *Manual da Psicossociologia das organizações*, Lisboa, McGraw Hill.
- García, David e Dorian Tanase (2013), "Measuring Cultural Dynamics Through the Eurovision Song Contest", *Advances in Complex Systems*.
- Gatherer, Derek (2006), "Comparison of Eurovision Song Contest Simulation with Actual Results Reveals Shifting Patterns of Collusive Voting Alliances", *Journal of Artificial Societies and Social Simulation*.
- Ginsburgh, Victor A. e Abdul Noury (2008), "The Eurovision Song Contest. Is voting political or cultural?", *European Journal of Political Economy*, pp. 41-52.
- Haan, Marco e Gerhard Dijkstra e Peter Dijkstra (Fevereiro de 2005)," Expert Judgment Versus Public Opinion – Evidence from the Eurovision Song Contest", *Journal of Cultural Economics*, pp. 59–78.
- Hepple, Leslie W. (1986), "The Revival of Geopolitics", *Political Geography Quarterly*, pp. 21-36.

- Jordan, Paul (2010), "The truth about politics at the Eurovision Song Contest", consultado a 11.09.2016. Disponível em: <http://escinsight.com/2010/11/18/the-truth-about-the-politics-of-eurovision/>
- Kandel, Eric R. e James H. Shawartz e Thomas M. Jessel (2003), *Princípios da neurociência*. Barueri, Editora Manole.
- Kavanagh, Adrian. (2012), "Politics, Ireland and the Eurovision Song Contest".
- Klever, Emma. (2013), *The Nagorno-Karabakh conflict between Armenia and Azerbaijan: An overview of the current situation*, Bruxelas, European Movement.
- Ksiazek , Thomas B. e James G. Webster (2008), "Cultural Proximity and Audience Behavior: The Role of Language in Patterns of Polarization and Multicultural Fluency", *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, pp. 485-503.
- La Pastina, Antonio C. e Joseph D. Straubhaar (2005), "Multiple proximities between television genres and audience", *Gazette*, pp. 271-288.
- Lijphart, Arend. (1971), "Comparative Politics and the Comparative Method", *The American Political Science Review*, pp. 682-693.
- Mangorrinha, Jorge. (2015), *A Cultura Eurovisiva: Canções, Política, Identidades e o Caso Português*, Lisboa, CLEPUL.
- Marconi , Marina de Andrade e Eva Maria Lakatos (2007), *Fundamentos de metodologia científica*, São Paulo, Atlas.
- Matos, Manuel (1995), *Manual Operacional para a Regressão Linear*, Porto, FEUP.
- Modebadze, Valeri. (2013), "The Issue of Gibraltar's Sovereignty and Spain's Territorial Integrity. What could Spain do to Resolve the Gibraltar Problem?" *Journal of Social Sciences*, pp. 43-48.
- Nichol, Jim. (2009), *Russia-Geogia conflict in August 2008: Context and implications for U.S Interests*, Washington D.C., Congressional Research Service.
- Quivy, Raymond e Luc Van Campenhoudt(1998), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.
- Read, Robert, & Harvey Armstrong (1994), "Micro-States, Autonomous Regions and the European Union", *European Urban and Regional Studies*, pp. 71-79.
- Richards, John E. (2005), "Localizing cortical sources of event-related potentials in infants", *Developmental Science*, pp. 255-278.
- Roldão, Cristina e Fernando Machado (2012), "Imigrantes Idosos em Portugal: Um Retrato Panorâmico", *VII Congresso Português de Sociologia*. Porto, Universidade do Porto.
- Schneider, Sérgio, e Cláudia Job Schmitt (1998), "O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. Cadernos de Sociologia", *Cadernos de Sociologia*, pp. 49-87.
- Scholvin, Sören (2016), "Geopolitics: An over of concepts and empirical examples from international relations", *The Finnish Institute of International Affairs*, Helsinquia.

- Sousa, Alberto B. (2005), *Investigação em educação*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Spierdijk, Laura, e Michel Vellekoop (2006), “Geography, culture, and religion: Explaining the bias in Eurovision Song Contest Voting”, University of Twente, Department of Applied Mathematics, Memorandum no.1796.
- Straubhaar, Joseph. (2002), *(Re)asserting national television and national identity against the global, regional and local levels of world television*. In J. M. Chan and B. T. McIntyre (eds.): *In search of boundaries. Communication, nation-States and cultural identities*, Westport, Connecticut, Ablex Publishing.
- Torres, Gonzalo (2011), “Media, Nationalism and European Identities”, em Miklos Sükösd e Karol Jakubowicz, *Media, Nationalism and European Identities* (pp. 247-268), Central European University Press.
- Tuathail, Gearóid Ó e Simon Dalby e Paul Routledge (1998), *The Geopolitics Reader*. Nova Iorque: Routledge.
- Ural, Basak Y. e Stacy M. Bondanella (2009), “From Geopolitics to Cultural Affinity: The Change in Voting Behavior in Eurovision Song Contest”, *American Political Science Association 2009 Annual Meeting*, Toronto
- Van der Veen, A. Maurits (2002), *Determinants and Implications of European Identity: An Investigation Using Eurobarometer Data*. Filadélfia, University of Pennsylvania.
- Verrier, Diarmuid B. (2012), “Evidence for the influence of the mere-exposure effect on voting in the Eurovision Song Contest”, *Judgment and Decision Making*, pp. 639–643.
- Vladisavljevic, Nebojsa. (2011), “Kosovo and Two Dimensions of the Contemporary Serb-Albanian Conflict”, em Robert Hudson e Glenn Bowman, *After Yugoslavia: Identities and Politics within the Successor States*, Palgrave Macmillan.

Bibliografia Digital (principais sítios da internet consultados):

Website do Festival Eurovisão da Canção: <http://www.eurovision.tv/page/timeline>

Website do ESC Database: <http://www.esc-database.com/>

Anexos

Anexo A – Quadros com os dez países melhor pontuados por país participante, durante os dois modelos de votação (com os países assinalados com as cores dos seus blocos geopolíticos).

Bloco Ocidental

2004-2009	Áustria		Bélgica		Suiça		Alemanha		Espanha		França		Reino Unido	Irlanda		Israel		Países Baixos	Portugal			
1	HRV	38	TUR	95	TUR	89	TUR	98	ROU	85	TUR	102	TUR	76	LTU	63	RUS	69	TUR	88	UKR	93
2	YUG	36	ARM	75	PRT	76	GRC	77	UKR	55	PRT	56	GRC	70	LVA	60	ROU	64	ARM	61	ROU	59
3	BIH	35	GRC	71	BIH	69	BIH	49	AND	54	ARM	50	CYP	52	GBR	49	ARM	59	BIH	57	MDA	55
4	TUR	35	NLD	52	ALB	68	ARM	38	ARM	52	ISR	44	LTU	39	POL	49	UKR	58	GRC	57	ESP	45
5	SRB	24	PRT	35	MKD	52	RUS	35	GRC	41	SRB	34	SWE	38	NOR	45	GRC	42	NOR	39	LVA	36
6	ROU	19	ISR	34	HRV	47	PRT	30	NOR	39	GRC	31	MLT	37	UKR	38	NOR	33	SRB	32	SWE	36
7	ALB	18	ROU	25	SRB	36	FIN	29	PRT	35	ROU	29	IRL	35	DEN	36	BLR	30	BEL	30	ISL	35
8	DEU	17	FIN	22	YUG	36	POL	28	MDA	32	BGR	23	LVA	35	ROU	34	ISL	30	DEN	28	RUS	24
9	HUN	17	HUN	20	GRC	30	SRB	26	BGR	31	ESP	23	ISL	34	SWE	27	MLT	25	IRL	28	HUN	21
10	BGR	12	BIH	20	DEU	26	YUG	25	FIN	29	MON	18	NOR	29	FIN	26	LVA	24	YUG	26	DEN	19
2009-2015	Áustria		Bélgica		Suiça		Alemanha		Espanha		França		Reino Unido	Irlanda		Israel		Países Baixos	Portugal			
1	RUS	45	SWE	63	NOR	52	SWE	54	ROU	69	ARM	63	LTU	70	DEN	82	ROU	86	SWE	81	SWE	57
2	ROU	44	NLD	56	SWE	51	GRC	53	SWE	47	SWE	60	MLT	62	LTU	74	SWE	75	BEL	61	ESP	46
3	SWE	35	RUS	55	ALB	49	ISL	48	NOR	43	SRB	55	IRL	59	SWE	58	RUS	62	DEN	58	ISL	41
4	SRB	33	GRC	50	ISL	49	TUR	46	PRT	42	BEL	53	SWE	59	ROU	45	AZE	57	ARM	51	MDA	37
5	BIH	31	ALB	49	SRB	43	NOR	44	ISL	42	EST	40	TUR	50	EST	43	ARM	56	NOR	49	ROU	31
6	ITA	26	ROU	46	TUR	43	DEN	39	UKR	39	TUR	36	DEN	38	RUS	42	DEN	39	SRB	39	RUS	31
7	NLD	26	ARM	42	AUT	36	AUT	35	GRC	39	PRT	36	GRC	36	NOR	41	UKR	36	TUR	38	GRC	30
8	DEN	25	TUR	37	PRT	35	POL	32	RUS	38	AZE	35	ISL	33	GBR	40	SVN	30	EST	36	NOR	30
9	EST	24	DEN	36	DEU	32	BEL	32	ITA	37	BIH	30	ROU	32	LVA	35	CYP	28	ISR	32	ITA	24
10	ALB	23	ISL	36	GRC	32	RUS	32	MDA	37	RUS	30	RUS	29	AUT	30	ISL	26	AZE	31	EST	24

Bloco Nórdico (DEN refere-se à Dinamarca, apesar do seu código ISO ser DNK) e **Bloco do Mediterrâneo Oriental**

2004-2009	Dinamarca		Finlândia		Islândia		Noruega		Suécia	
1	SWE	77	SWE	65	DEN	76	BIH	77	FIN	75
2	NOR	66	NOR	62	FIN	66	DEN	72	BIH	74
3	ICE	61	ISL	50	SWE	59	SWE	56	ISL	65
4	TUR	60	BIH	50	NOR	57	ISL	52	DEN	56
5	BIH	49	EST	48	UKR	50	FIN	47	NOR	51
6	FIN	34	RUS	48	HUN	33	TUR	31	TUR	38
7	LVA	28	ISR	32	PRT	31	SRB	26	GRC	31
8	UKR	28	TUR	32	LVA	21	RUS	25	YUG	28
9	HUN	22	UKR	29	SRB	19	HUN	24	SRB	26
10	IRL	20	HUN	25	GRC	19	ROU	22	ALB	24
2009-2015	Dinamarca		Finlândia		Islândia		Noruega		Suécia	
1	SWE	92	ISL	86	SWE	77	SWE	94	DEN	72
2	RUS	63	EST	65	FIN	67	ISL	63	NOR	63
3	NLD	54	SWE	61	NOR	66	LTU	57	EST	47
4	NOR	50	NOR	59	DEN	61	DEN	53	ISL	42
5	ISL	49	HUN	58	AZE	38	FIN	51	TUR	41
6	IRL	47	RUS	46	NLD	32	ROU	46	NLD	40
7	BEL	41	BEL	40	ROU	29	SRB	35	IRL	35
8	DEU	37	GRC	33	EST	28	AZE	30	BIH	34
9	ROU	36	DEN	29	BEL	26	EST	28	ISR	33
10	EST	29	ISR	27	HUN	26	NLD	26	RUS	30

2004-2009	Bulgária		Chipre		Grécia		Malta		Turquia	
1	MKD	70	GRC	96	CYP	72	SWE	54	BIH	87
2	TUR	59	UKR	54	ALB	70	LVA	51	ARM	58
3	GRC	58	BGR	48	ARM	50	GRC	47	UKR	58
4	ARM	46	ROU	43	RUS	40	UKR	46	MKD	56
5	RUS	33	ARM	41	UKR	39	CHE	36	GRC	49
6	BIH	28	RUS	40	MDA	37	ISL	35	MDA	42
7	UKR	28	GEO	30	ROU	34	GBR	33	ALB	40
8	CYP	27	BLR	27	BGR	32	DEN	29	BGR	32
9	ROU	22	MDA	25	FIN	31	ROU	29	GEO	29
10	BLR	20	NOR	25	NOR	30	CYP	28	ROU	28
2009-2015	Bulgária		Chipre		Grécia		Malta		Turquia	
1	AZE	61	GRC	92	ALB	95	AZE	87	AZE	72
2	TUR	59	AZE	67	CYP	58	SWE	61	BIH	60
3	ARM	46	SWE	55	AZE	57	ITA	52	GEO	36
4	GRC	45	UKR	50	ROU	54	GRC	47	ARM	33
5	UKR	37	DEN	40	RUS	48	ROU	44	ROU	31
6	SRB	24	ROU	36	GEO	45	ISL	40	ALB	30
7	MKD	24	RUS	35	ARM	37	NOR	40	MKD	22
8	DEN	23	NOR	28	NOR	36	TUR	37	SWE	21
9	SWE	22	ISR	24	BEL	33	UKR	29	BGR	19
10	GEO	20	ARM	23	ITA	31	GBR	27	RUS	18

Bloco de Leste

2004-2009	Arménia		Azerbaijão		Bielorússia		Estónia		Georgia		Hungria		Lituânia		Letónia		Moldávia		Polónia		Roménia		Rússia		Ucrânia	
1	RUS	72	NOR	32	RUS	80	RUS	79	UKR	32	GRC	37	LVA	88	LTU	72	ROU	79	UKR	75	GRC	86	ARM	63	RUS	68
2	GRC	44	UKR	30	UKR	80	FIN	71	ARM	24	AZE	34	RUS	64	RUS	69	RUS	63	NOR	54	MDA	82	UKR	59	MDA	52
3	UKR	34	TUR	24	ARM	38	LVA	58	BLR	16	SRB	33	UKR	64	UKR	67	UKR	52	ARM	44	TUR	70	MDA	51	BLR	44
4	NOR	27	RUS	22	MDA	37	NOR	58	HUN	16	UKR	33	EST	39	EST	65	NOR	41	RUS	38	HUN	36	NOR	41	NOR	43
5	BEL	26	GRC	22	ISR	31	UKR	48	RUS	15	DEN	30	NOR	39	NOR	46	AZE	40	AZE	35	RUS	36	BLR	40	HRV	39
6	GEO	23	MDA	19	GEO	30	SWE	32	SRB	14	ROU	27	GEO	35	GEO	31	BLR	25	HUN	32	ISR	35	AZE	39	GEO	38
7	SRB	20	ISR	17	NOR	27	DEN	27	LVA	13	NOR	26	BLR	28	DEN	27	GRC	25	FIN	31	UKR	31	ISR	31	POL	34
8	ISR	20	BIH	9	GRC	26	CHE	26	TUR	13	HRV	24	DEN	28	BLR	26	EST	20	MDA	25	ARM	27	GRC	28	AZE	32
9	SWE	20	ROU	9	LVA	25	IRL	25	BEL	12	ISL	21	GRC	26	HRV	24	BIH	19	SWE	24	YUG	24	GEO	24	ARM	29
10	MDA	18	HUN	8	SWE	21	LTU	25	LTU	10	BGR	21	FIN	25	CHE	23	FIN	19	DEN	23	BIH	24	FIN	20	YUG	27
2009-2015	Arménia		Azerbaijão		Bielorússia		Estónia		Georgia		Hungria		Lituânia		Letónia		Moldávia		Polónia		Roménia		Rússia		Ucrânia	
1	RUS	88	UKR	87	RUS	103	RUS	89	AZE	91	ISL	68	GEO	80	EST	80	ROU	118	AZE	45	MDA	88	AZE	94	AZE	84
2	GEO	86	RUS	70	UKR	92	SWE	82	ARM	80	AZE	61	AZE	67	RUS	74	RUS	97	NOR	45	GRC	73	ARM	65	RUS	57
3	GRC	66	GEO	66	MDA	51	DEN	62	LTU	58	SWE	50	NOR	63	SWE	63	UKR	86	LTU	30	HUN	52	MDA	59	BEL	52
4	UKR	57	TUR	60	GEO	43	NLD	50	UKR	50	RUS	43	EST	56	NOR	56	AZE	66	DEN	29	DEN	49	UKR	56	MDA	50
5	MNE	33	ROU	54	AZE	42	UKR	50	BLR	49	NOR	35	UKR	56	DEN	48	BLR	48	SWE	28	AZE	47	GRC	56	ARM	44
6	SWE	26	GRC	52	SWE	42	NOR	49	RUS	40	GRC	35	RUS	52	IRL	44	SWE	42	BEL	27	SWE	44	BEL	53	GEO	43
7	BLR	24	MLT	40	ARM	39	BEL	39	SWE	30	FIN	31	SWE	50	LTU	42	BEL	34	UKR	27	ARM	36	EST	42	SWE	41
8	MLT	23	MDA	34	GRC	37	HUN	39	MLT	27	NLD	29	BLR	31	UKR	40	GRC	33	FIN	27	TUR	32	GEO	38	EST	26
9	FRA	22	ISR	33	LTU	36	ISL	33	GRC	24	UKR	28	LVA	30	ISL	30	GEO	30	CHE	26	NOR	32	BLR	34	NOR	25
10	ISR	21	HUN	28	EST	34	FIN	31	TUR	23	EST	28	NLD	26	AZE	28	EST	29	EST	23	RUS	27	SWE	29	DEN	22

Bloco dos Balcãs (YUG refere-se à Sérvia e Montenegro apesar do seu código ISO ser SCG)

2004-2009	Albânia		Bósnia		Croácia		Macedónia		Montenegro		Sérvia		Eslovénia	
1	GRC	87	HRV	88	BIH	88	ALB	89	BIH	53	HRV	36	BIH	92
2	TUR	83	TUR	82	MKD	74	TUR	79	SRB	36	BIH	32	HRV	78
3	MKD	71	MKD	74	ALB	58	BIH	63	MKD	30	MKD	32	MKD	60
4	BIH	55	GRC	40	SRB	46	HRV	63	SVN	26	GRC	28	SRB	48
5	MLT	28	SVN	39	SVN	43	BGR	41	RUS	22	HUN	28	YUG	34
6	NOR	24	SRB	36	UKR	41	UKR	35	ALB	20	NOR	22	GRC	29
7	SWE	24	YUG	34	YUG	36	SRB	34	ISR	19	UKR	18	NOR	26
8	CYP	21	UKR	29	GRC	33	GRC	34	HRV	17	RUS	17	LVA	26
9	ESP	19	MNE	27	LVA	29	YUG	30	NOR	16	SVN	17	UKR	25
10	ISR	19	NOR	26	HUN	25	RUS	24	GRC	15	BGR	16	RUS	23
2009-2015	Albânia		Bósnia		Croácia		Macedónia		Montenegro		Sérvia		Eslovénia	
1	GRC	130	SRB	54	SRB	72	ALB	75	ALB	51	BIH	58	DEN	79
2	ITA	53	MKD	48	AZE	53	BIH	70	AZE	45	GRC	56	SWE	67
3	HUN	46	TUR	39	BIH	51	SRB	69	RUS	37	RUS	55	SRB	65
4	AZE	43	SVN	29	SVN	37	TUR	52	SRB	34	HRV	51	BIH	50
5	MKD	42	SWE	29	ALB	32	MLT	36	BIH	30	MKD	40	NOR	44
6	TUR	40	AZE	25	UKR	31	SVN	33	SWE	28	UKR	33	HRV	38
7	MNE	36	HRV	24	DEN	30	RUS	30	SVN	27	SVN	30	AUT	35
8	ESP	30	GRC	20	RUS	25	SWE	30	UKR	27	HUN	30	RUS	33
9	SMR	29	ALB	18	GRC	23	ROU	29	ARM	24	SWE	27	MKD	32
10	ROU	28	FRA	15	TUR	21	BLR	27	MDA	21	BEL	26	NLD	28

Anexo B – Dados brutos da troca de pontos entre blocos em ambos os modelos

2004-2009	Ocidental	Nórdico	Leste	Med. Or.	Balcânico	T. Dados
Ocidental	721	540	1531	1170	728	4690
Nórdico	83	1151	403	192	394	2223
Leste	215	881	2973	422	257	4748
Med. Or.	71	204	950	548	361	2134
Balcânico	57	138	346	616	1659	2816
T. Recibidos	1147	2914	6203	2948	3399	

2009-2015	Ocidental	Nórdico	Leste	Med. Or.	Balcânico	T. Dados
Ocidental	668	1530	1603	580	359	4740
Nórdico	438	900	641	74	69	2122
Leste	456	1218	3603	587	33	5897
Med. Or.	167	366	966	357	255	2111
Balcânico	216	334	646	417	1196	2809
T. Recibidos	1945	4348	7459	2015	1912	

Anexo C – Regressão Linear

Variables Entered/Removed^a

Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Bloco Balcânico, Modelo Misto, Bloco Mediterrânico Oriental, Bloco Nórdico, Bloco Leste ^b		Enter

a. Dependent Variable: Proporção de Voto IntraBloco

b. All requested variables entered.

Model Summary^b

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,839 ^a	,705	,685	,132906

a. Predictors: (Constant), Bloco Balcânico, Modelo Misto, Bloco Mediterrânico Oriental, Bloco Nórdico, Bloco Leste

b. Dependent Variable: Proporção de Voto IntraBloco

ANOVA^a

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	3,202	5	,640	36,259	,000 ^b
	Residual	1,342	76	,018		
	Total	4,545	81			

a. Dependent Variable: Proporção de Voto IntraBloco

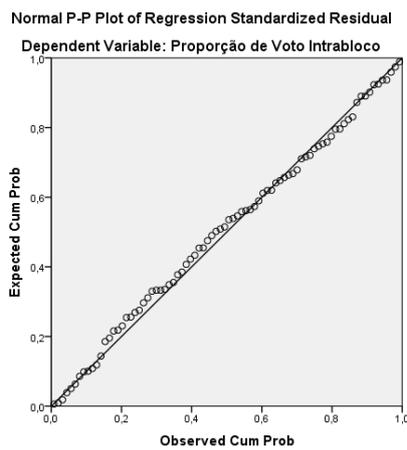
b. Predictors: (Constant), Bloco Balcânico, Modelo Misto, Bloco Mediterrânico Oriental, Bloco Nórdico, Bloco Leste

Pressuposto: Teste da Multicolinearidade

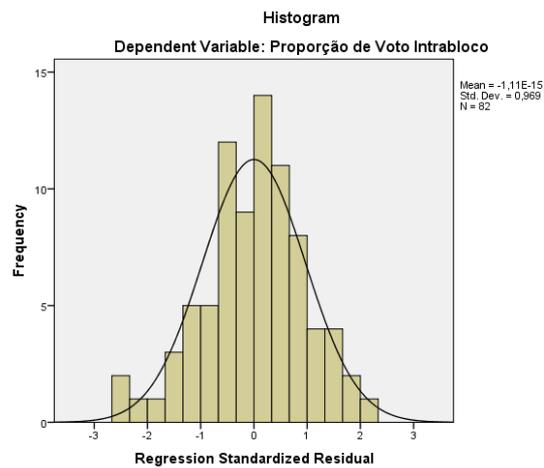
Coefficients ^a							
Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
	B	Std. Error				Beta	Tolerance
1	(Constant)	,171	,032		5,373	,000	
	Modelo Misto	-,030	,029	-,064	-1,025	,308	1,000
	Bloco Nórdico	,351	,051	,487	6,919	,000	,783
	Bloco Mediterrânico Oriental	,071	,051	,099	1,399	,166	,783
	Bloco Leste	,468	,039	,926	12,168	,000	,671
	Bloco Balcânico	,355	,045	,568	7,816	,000	,737

a. Dependent Variable: Proporção de Voto Intrabloco

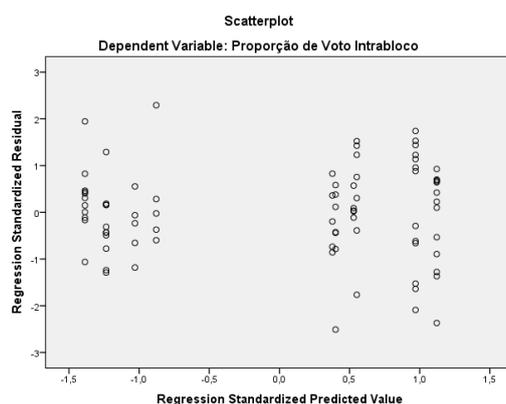
Pressuposto: Linearidade



Pressuposto: Distribuição Normal



Pressuposto: Análise dos Resíduos



Anexo D – Maiores comunidades imigrantes nos países participantes no Festival Eurovisão da Canção.

Distribution of significant minority groups in ESC countries.

Host country	Largest minority groups (that have participated in ESC)				
	1	2	3	4	5
Albania	Greeks	Serbs	Macedonians	Bulgarians	Jewish
Armenia	Russians	Ukrainians	Greeks	Jewish	Georgians
Austria	Turks	Germans	Bosnians	Croatians	Polish
Azerbaijan	Aremnians	Russians	Turks	Ukrainians	Georgians
Belarus	Russians	Polish	Ukrainians	Jewish	Armenians
Belgium	Italians	French	Dutch	Turks	Spanish
Bosnia & Herzegovina	Serbs	Croats	Albanians	Ukrainians	Macedonians
Croatia	Serbs	Bosnians	Italians	Hungarians	Albanians
Cyprus	Greeks	Turks	British	Romanian	Bulgarians
Denmark	Turks	Bosnians	Germans	Norwegens	British
Estonia	Russians	Ukrainians	Belarusians	Finnish	Latvians
Finland	Russians	Estonians	Swedes	British	Germans
France	Portuguese	Turks	Italians	Spanish	British
Georgia	Azerbaijani	Armenians	Russians	Greeks	Ukrainians
Germany	Turks	Italians	Polish	Croats	Austrians
Greece	Albanians	Bulgarians	Russians	Cypriots	Romanians
Hungary	Romanians	Ukraine	Germans	Serbians	Polish
Iceland	Polish	Danish	Germans	Lithuanian	British
Ireland	British	Polish	Lithuanian	Latvian	Germans
Israel	Russians	Romanians	Polish	Spanish	Germans
Italy	Romanians	Albanians	Ukrainians	Polish	Macedonians
Latvia	Russians	Belarusian	Ukrainians	Polish	Lithuanians
Lithuania	Polish	Russians	Belarusians	Ukrainians	Germans
Macedonia	Albanians	Turkish	Serbs	Bosnians	Croats
Malta	British	Serbs	Italians	Germans	Bulgarians
Netherlands	Turks	Germans	British	Belgians	Polish
Norway	Swedes	Danish	Polish	Germans	British
Poland	Germans	Belarusian	Ukrainians	Russians	Lithuanians
Portugal	Ukraine	British	Spanish	Romanians	Germans
Romania	Hungarians	Ukrainians	Germans	Russians	Turks
Russia	Ukraine	Armenians	Azerbaijanis	Belarusians	Germans
Serbia	Hungarians	Bosnians	Croats	Albanians	Romanians
Slovenia	Bosnians	Serbs	Croats	Macedonians	Italians
Spain	Romanians	British	Germans	Italians	Portuguese
Sweden	Finish	Norwegens	Danish	Polish	Bosnians
Switzerland	Italians	Portuguese	Germans	Serbs	Turks
Turkey	Azerbaijanis	Georgians	Bosnians	Albanians	British
UK	Irish	Polish	Italians	French	Germans
Ukraine	Russians	Hungarians	Romanians	Bulgarians	Belarusians

Note: Sources listed in Appendix 1. Countries included have participated in the ESC final at least twice. Where 'Jewish' is listed, we code this for Israel. Variable is coded inversely so that the top groups is '5'.

Fonte: Impartiality, friendship-networks and voting behavior: Evidence from voting patterns in the Eurovision Song Contest (2013)

Contudo a lista não integra três países (Bulgária, Moldávia e Montenegro) que constam na análise, assim sendo foi necessário recolher essas informações externamente.

- Bulgária: Grécia, Turquia, Roménia, Ucrânia, Reino Unido.
- Moldávia: Ucrânia, Roménia, Bielorrússia, Alemanha e Geórgia.
- Montenegro: Bósnia, Sérvia, Croácia, Albânia e ARJ da Macedónia.

Fonte: <http://www.migrationpolicy.org/programs/data-hub/charts/immigrant-and-emigrant-populations-country-origin-and-destination?width=1000&height=850&iframe=true> (2015).

Anexo E – Número de pontos dados pelas diásporas, em blocos geopolíticos.

2004-2009	Ocidental	Nórdico	Leste	Med. Or.	Balcânico	T. Dados
Ocidental	366	0	570	507	106	1549
Nórdico	0	517	96	60	74	747
Leste	51	71	1885	138	33	2145
Med. Or.	33	0	153	365	197	748
Balcânico	19	0	82	166	1346	1613
T. Recibidos	469	588	2786	1236	1756	

2009-2015	Ocidental	Nórdico	Leste	Med. Or.	Balcânico	T. Dados
Ocidental	490	0	354	200	76	1120
Nórdico	37	454	111	0	34	636
Leste	21	31	2328	182	0	2562
Med. Or.	79	0	283	254	185	801
Balcânico	0	0	30	182	1016	1228
T. Recibidos	627	485	3106	818	1311	

Proporção do voto diáspora sobre as votações totais.

	Televoto	Misto	Total
Ocidente	1549/4279= 36,2	1120/4770= 23,40	2669/9049= 29,49
Nórdico	747/2217 = 33,69	636/2372 = 26,89	1383/4589= 30,13
Leste	2145/4694= 45,69	2562/5789= 44,25	4707/10483= 44,90
Med. Or.	748/2122 = 35,24	801/2111= 37,94	1549/4233= 36,59
Balcânico	1613/2812= 57,36	1228/2805= 43,77	2841/5617= 50,57

Anexo F – Os dez países melhor classificados pelos países participantes (ordenados por blocos geopolíticos) nos dois modelos de votação, com os pontos concedidos a países com comunidades imigrantes dentro do país votante assinaladas (sendo esses os pontos recolhidos)

Bloco Ocidental e bloco Nórdico (DEN refere-se à Dinamarca, apesar do seu código ISO ser DNK)

2004-2009	Áustria	Bélgica	Suiça	Alemanha	Espanha	França	Reino Unido	Irlanda	Israel	Países Baixos	Portugal	
1	HRV	38 TUR	95 TUR	89 TUR	98 ROU	85 TUR	102 TUR	76 LTU	63 RUS	69 TUR	88 UKR	93
2	YUG	36 ARM	75 PRT	76 GRC	77 UKR	55 PRT	56 GRC	70 LVA	60 ROU	64 ARM	61 ROU	59
3	BIH	35 GRC	71 BIH	69 BIH	49 AND	54 ARM	50 CYP	52 GBR	49 ARM	59 BIH	57 MDA	55
4	TUR	35 NLD	52 ALB	68 ARM	38 ARM	52 ISR	44 LTU	39 POL	49 UKR	58 GRC	57 ESP	45
5	SRB	24 PRT	35 MKD	52 RUS	35 GRC	41 SRB	34 SWE	38 NOR	45 GRC	42 NOR	39 LVA	36
6	ROU	19 ISR	34 HRV	47 PRT	30 NOR	39 GRC	31 MLT	37 UKR	38 NOR	33 SRB	32 SWE	36
7	ALB	18 ROU	25 SRB	36 FIN	29 PRT	35 ROU	29 IRL	35 DEN	36 BLR	30 BEL	30 ISL	35
8	DEU	17 FIN	22 YUG	36 POL	28 MDA	32 BGR	23 LVA	35 ROU	34 ISL	30 DEN	28 RUS	24
9	HUN	17 HUN	20 GRC	30 SRB	26 BGR	31 ESP	23 ISL	34 SWE	27 MLT	25 IRL	28 HUN	21
10	BGR	12 BIH	20 DEU	26 YUG	25 FIN	29 MON	18 NOR	29 FIN	26 LVA	24 YUG	26 DEN	19

2009-2015	Áustria	Bélgica	Suiça	Alemanha	Espanha	França	Reino Unido	Irlanda	Israel	Países Baixos	Portugal	
1	RUS	45 SWE	63 NOR	52 SWE	54 ROU	69 ARM	63 LTU	70 DEN	82 ROU	86 SWE	81 SWE	57
2	ROU	44 NLD	56 SWE	51 GRC	53 SWE	47 SWE	60 MLT	62 LTU	74 SWE	75 BEL	61 ESP	46
3	SWE	35 RUS	55 ALB	49 ISL	48 NOR	43 SRB	55 IRL	59 SWE	58 RUS	62 DEN	58 ISL	41
4	SRB	33 GRC	50 ISL	49 TUR	46 PRT	42 BEL	53 SWE	59 ROU	45 AZE	57 ARM	51 MDA	37
5	BIH	31 ALB	49 SRB	43 NOR	44 ISL	42 EST	40 TUR	50 EST	43 ARM	56 NOR	49 ROU	31
6	ITA	26 ROU	46 TUR	43 DEN	39 UKR	39 TUR	36 DEN	38 RUS	42 DEN	39 SRB	39 RUS	31
7	NLD	26 ARM	42 AUT	36 AUT	35 GRC	39 PRT	36 GRC	36 NOR	41 UKR	36 TUR	38 GRC	30
8	DEN	25 TUR	37 PRT	35 POL	32 RUS	38 AZE	35 ISL	33 GBR	40 SVN	30 EST	36 NOR	30
9	EST	24 DEN	36 DEU	32 BEL	32 ITA	37 BIH	30 ROU	32 LVA	35 CYP	28 ISR	32 ITA	24
10	ALB	23 ISL	36 GRC	32 RUS	32 MDA	37 RUS	30 RUS	29 AUT	30 ISL	26 AZE	31 EST	24

2004-2009	Dinamarca	Finlândia	Islândia	Noruega	Suécia	
1	SWE	77 SWE	65 DEN	76 BIH	77 FIN	75
2	NOR	66 NOR	62 FIN	66 DEN	72 BIH	74
3	ICE	61 ISL	50 SWE	59 SWE	56 ISL	65
4	TUR	60 BIH	50 NOR	57 ISL	52 DEN	56
5	BIH	49 EST	48 UKR	50 FIN	47 NOR	51
6	FIN	34 RUS	48 HUN	33 TUR	31 TUR	38
7	LVA	28 ISR	32 PRT	31 SRB	26 GRC	31
8	UKR	28 TUR	32 LVA	21 RUS	25 YUG	28
9	HUN	22 UKR	29 SRB	19 HUN	24 SRB	26
10	IRL	20 HUN	25 GRC	19 ROU	22 ALB	24

2009-2015	Dinamarca	Finlândia	Islândia	Noruega	Suécia	
1	SWE	92 ISL	86 SWE	77 SWE	94 DEN	72
2	RUS	63 EST	65 FIN	67 ISL	63 NOR	63
3	NLD	54 SWE	61 NOR	66 LTU	57 EST	47
4	NOR	50 NOR	59 DEN	61 DEN	53 ISL	42
5	ISL	49 HUN	58 AZE	38 FIN	51 TUR	41
6	IRL	47 RUS	46 NLD	32 ROU	46 NLD	40
7	BEL	41 BEL	40 ROU	29 SRB	35 IRL	35
8	DEU	37 GRC	33 EST	28 AZE	30 BIH	34
9	ROU	36 DEN	29 BEL	26 EST	28 ISR	33
10	EST	29 ISR	27 HUN	26 NLD	26 RUS	30

Bloco de Leste, bloco do Mediterrâneo Oriental e bloco dos Balcãs (YUG refere-se à Sérvia e Montenegro apesar do seu código ISO ser SCG)

2004-2009	Arménia	Azerbaijão	Biélorússia	Estónia	Geórgia	Hungria	Lituânia	Letónia	Moldávia	Polónia	Roménia	Rússia	Ucrânia													
1	RUS	72	NOR	32	RUS	80	RUS	79	UKR	32	GRC	37	LVA	88	LTU	72	ROU	79	UKR	75	GRC	86	ARM	63	RUS	68
2	GRC	44	UKR	30	UKR	80	FIN	71	ARM	24	AZE	34	RUS	64	RUS	69	RUS	63	NOR	54	MDA	82	UKR	59	MDA	52
3	UKR	34	TUR	24	ARM	38	LVA	58	BLR	16	SRB	33	UKR	64	UKR	67	UKR	52	ARM	44	TUR	70	MDA	51	BLR	44
4	NOR	27	RUS	22	MDA	37	NOR	58	HUN	16	UKR	33	EST	39	EST	65	NOR	41	RUS	38	HUN	36	NOR	41	NOR	43
5	BEL	26	GRC	22	ISR	31	UKR	48	RUS	15	DEN	30	NOR	39	NOR	46	AZE	40	AZE	35	RUS	36	BLR	40	HRV	39
6	GEO	23	MDA	19	GEO	30	SWE	32	SRB	14	ROU	27	GEO	35	GEO	32	ISR	35	AZE	32	ISR	35	AZE	39	GEO	38
7	SRB	20	ISR	17	NOR	27	DEN	27	LVA	13	NOR	26	BLR	28	DEN	27	GRC	25	FIN	31	UKR	31	ISR	31	POL	34
8	ISR	20	BIH	9	GRC	26	CHE	26	TUR	13	HRV	24	DEN	28	BLR	26	EST	20	MDA	25	ARM	27	GRC	28	AZE	32
9	SWE	20	ROU	9	LVA	25	IRL	25	BEL	12	ISL	21	GRC	26	HRV	24	BIH	19	SWE	24	YUG	24	GEO	24	ARM	29
10	MDA	18	HUN	8	SWE	21	LTU	25	LTU	10	BGR	21	FIN	25	CHE	23	FIN	19	DEN	23	BIH	24	FIN	20	YUG	27

2009-2015	Arménia	Azerbaijão	Biélorússia	Estónia	Geórgia	Hungria	Lituânia	Letónia	Moldávia	Polónia	Roménia	Rússia	Ucrânia													
1	RUS	88	UKR	87	RUS	103	RUS	89	AZE	91	ISL	68	GEO	80	EST	80	ROU	118	AZE	45	MDA	88	AZE	94	AZE	84
2	GEO	86	RUS	70	UKR	92	SWE	82	ARM	80	AZE	61	AZE	67	RUS	74	RUS	97	NOR	45	GRC	73	ARM	65	RUS	57
3	GRC	66	GEO	66	MDA	51	DEN	62	LTU	58	SWE	50	NOR	63	SWE	63	UKR	86	LTU	30	HUN	52	MDA	59	BEL	52
4	UKR	57	TUR	60	GEO	43	NLD	50	UKR	50	RUS	43	EST	56	NOR	56	AZE	66	DEN	29	DEN	49	UKR	56	MDA	50
5	MNE	33	ROU	54	AZE	42	UKR	50	BLR	49	NOR	35	UKR	56	DEN	48	BLR	48	SWE	28	AZE	47	GRC	56	ARM	44
6	SWE	26	GRC	52	SWE	42	NOR	49	RUS	40	GRC	35	RUS	52	IRL	44	SWE	42	BEL	27	SWE	44	BEL	53	GEO	43
7	BLR	24	MLT	40	ARM	39	BEL	39	SWE	30	FIN	31	SWE	50	LTU	42	BEL	34	UKR	27	ARM	36	EST	42	SWE	41
8	MLT	23	MDA	34	GRC	37	HUN	39	MLT	27	NLD	29	BLR	31	UKR	40	GRC	33	FIN	27	TUR	32	GEO	38	EST	26
9	FRA	22	ISR	33	LTU	36	ISL	33	GRC	24	UKR	28	LVA	30	ISL	30	GEO	30	CHE	26	NOR	32	BLR	34	NOR	25
10	ISR	21	HUN	28	EST	34	FIN	31	TUR	23	EST	28	NLD	26	AZE	28	EST	29	EST	23	RUS	27	SWE	29	DEN	22

2004-2009	Bulgária	Chipre	Grécia	Malta	Turquia					
1	MKD	70	GRC	96	CYP	72	SWE	54	BIH	87
2	TUR	59	UKR	54	ALB	70	LVA	51	ARM	58
3	GRC	58	BGR	48	ARM	50	GRC	47	UKR	58
4	ARM	46	ROU	43	RUS	40	UKR	46	MKD	56
5	RUS	33	ARM	41	UKR	39	CHE	36	GRC	49
6	BIH	28	RUS	40	MDA	37	ISL	35	MDA	42
7	UKR	28	GEO	30	ROU	34	GBR	33	ALB	40
8	CYP	27	BLR	27	BGR	32	DEN	29	BGR	32
9	ROU	22	MDA	25	FIN	31	ROU	29	GEO	29
10	BLR	20	NOR	25	NOR	30	CYP	28	ROU	28

2009-2015	Bulgária	Chipre	Grécia	Malta	Turquia					
1	AZE	61	GRC	92	ALB	95	AZE	87	AZE	72
2	TUR	59	AZE	67	CYP	58	SWE	61	BIH	60
3	ARM	46	SWE	55	AZE	57	ITA	52	GEO	36
4	GRC	45	UKR	50	ROU	54	GRC	47	ARM	33
5	UKR	37	DEN	40	RUS	48	ROU	44	ROU	31
6	SRB	24	ROU	36	GEO	45	ISL	40	ALB	30
7	MKD	24	RUS	35	ARM	37	NOR	40	MKD	22
8	DEN	23	NOR	28	NOR	36	TUR	37	SWE	21
9	SWE	22	ISR	24	BEL	33	UKR	29	BGR	19
10	GEO	20	ARM	23	ITA	31	GBR	27	RUS	18

2004-2009	Albânia	Bósnia	Croácia	Macedónia	Montenegro	Sérvia	Eslovénia							
1	GRC	87	HRV	88	BIH	88	ALB	89	BIH	53	HRV	36	BIH	92
2	TUR	83	TUR	82	MKD	74	TUR	79	SRB	36	BIH	32	HRV	78
3	MKD	71	MKD	74	ALB	58	BIH	63	MKD	30	MKD	32	MKD	60
4	BIH	55	GRC	40	SRB	46	HRV	63	SVN	26	GRC	28	SRB	48
5	MLT	28	SVN	39	SVN	43	BGR	41	RUS	22	HUN	28	YUG	34
6	NOR	24	SRB	36	UKR	41	UKR	35	ALB	20	NOR	22	GRC	29
7	SWE	24	YUG	34	YUG	36	SRB	34	ISR	19	UKR	18	NOR	26
8	CYP	21	UKR	29	GRC	33	GRC	34	HRV	17	RUS	17	LVA	26
9	ESP	19	MNE	27	LVA	29	YUG	30	NOR	16	SVN	17	UKR	25
10	ISR	19	NOR	26	HUN	25	RUS	24	GRC	15	BGR	16	RUS	23

2009-2015	Albânia	Bósnia	Croácia	Macedónia	Montenegro	Sérvia	Eslovénia							
1	GRC	130	SRB	54	SRB	72	ALB	75	ALB	51	BIH	58	DEN	79
2	ITA	53	MKD	48	AZE	53	BIH	70	AZE	45	GRC	56	SWE	67
3	HUN	46	TUR	39	BIH	51	SRB	69	RUS	37	RUS	55	SRB	65
4	AZE	43	SVN	29	SVN	37	TUR	52	SRB	34	HRV	51	BIH	50
5	MKD	42	SWE	29	ALB	32	MLT	36	BIH	30	MKD	40	NOR	44
6	TUR	40	AZE	25	UKR	31	SVN	33	SWE	28	UKR	33	HRV	38
7	MNE	36	HRV	24	DEN	30	RUS	30	SVN	27	SVN	30	AUT	35
8	ESP	30	GRC	20	RUS	25	SWE	30	UKR	27	HUN	30	RUS	33
9	SMR	29	ALB	18	GRC	23	ROU	29	ARM	24	SWE	27	MKD	32
10	ROU	28	FRA	15	TUR	21	BLR	27	MDA	21	BEL	26	NLD	28

Anexo G – Quadro com as dez melhores posições de cada ano (2004-2015) com as canções provenientes da primeira parte de atuação assinaladas a azul, enquanto que as canções originárias da segunda metade da ordem de atuação estão indicadas a vermelho. Os números que se encontram ao lado do ano de cada edição são do número de finalistas (que variou de 24 a 27 no período em análise).

2004 (24)			2005 (24)			2006 (24)			2007 (24)			2008 (25)			2009 (25)			2010 (25)			2011 (25)			2012 (26)			2013 (26)			2014 (26)			2015 (27)		
Ranking	País	Ordem de Atuação	País	Ordem de Atuação	País	Ordem de Atuação	País	Ordem de Atuação	País	Ordem de Atuação	País	Ordem de Atuação	Ranking	País	Ordem de Atuação	País	Ordem de Atuação	País	Ordem de Atuação	País	Ordem de Atuação	País	Ordem de Atuação	País	Ordem de Atuação	País	Ordem de Atuação	País	Ordem de Atuação	País	Ordem de Atuação				
1º	UKR	10	GRC	19	FIN	17	SBR	17	RUS	24	1º	NOR	20	DEU	22	AZE	19	SWE	17	DNK	18	AUT	11	SWE	10										
2º	SRB	5	MLT	3	RUS	10	UKR	18	UKR	18	2º	ISL	7	TUR	14	ITA	12	RUS	6	AZE	20	NLD	24	RUS	25										
3º	GRC	16	ROU	4	BIH	13	RUS	15	GRC	21	3º	AZE	11	ROU	19	SWE	7	SRB	24	UKR	22	SWE	13	ITA	27										
4º	TUR	22	ISR	11	ROU	12	TUR	22	ARM	5	4º	TUR	18	DNK	25	UKR	23	AZE	13	NOR	24	ARM	7	BEL	13										
5º	CYP	21	LTV	23	SWE	22	BGR	21	NOR	25	5º	GBR	23	AZE	1	DNK	3	ALB	3	RUS	10	HUN	21	AUS	12										
6º	SWE	24	MDA	7	LTU	14	BLR	3	SRB	23	6º	EST	15	BEL	7	BIH	2	EST	11	GRC	21	UKR	1	LTV	19										
7º	ALB	9	SRB	12	UKR	18	GRC	10	TUR	12	7º	GRC	8	ARM	21	GRC	9	TUR	18	ITA	23	RUS	15	EST	4										
8º	DEU	8	CHE	22	ARM	24	ARM	23	AZE	20	8º	FRA	3	GRC	11	IRL	6	DEU	20	MLT	9	NOR	5	NOR	9										
9º	BIH	12	NOR	5	GRC	16	HUN	8	ISR	7	9º	BIH	12	GEO	13	GEO	25	ITA	10	NLD	13	DNK	23	ISR	3										
10º	ESP	1	DNK	13	IRL	21	MDA	24	BIH	6	10º	ARM	9	UKR	17	DEU	16	ESP	19	HUN	17	ESP	19	SRB	8										
%		50%		50%		10%		30%		40%	%		60%		30%		60%		40%		20%		40%		70%										

Anexo H – Quadros com os melhores classificados de cada ano entre 2004 e 2015. A salmão estão assinalados os países que se fizeram representar por cantoras, a azul claro os países que se fizeram representar por cantores, a amarelo os países que se fizeram representar por grupos (bandas) e por último, em verde os países que se fizeram representar por duetos/duos. O quadro à direita foi produzido tendo em conta o quadro à esquerda e contém as operações matemáticas para a obtenção dos dados apresentados no corpo da dissertação.

	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
1º	UKR	GRC	FIN	SRB	RUS	NOR	DEU	AZE	SWE	DEN	AUT	SWE
2º	YUG	MLT	RUS	UKR	UKR	ISL	TUR	ITA	RUS	AZE	NLD	RUS
3º	GRC	ROU	BIH	RUS	GRC	AZE	ROU	SWE	SRB	UKR	SWE	ITA
4º	TUR	ISR	ROU	TUR	ARM	TUR	DEN	UKR	AZE	NOR	ARM	BEL
5º	CYP	LVA	SWE	BGR	NOR	GBR	AZE	DEN	ALB	RUS	HUN	AUS
6º	SWE	MDA	LTU	BLR	SRB	EST	BEL	BIH	EST	GRC	UKR	LTV
7º	ALB F	YUG	UKR	GRC	TUR	GRC	ARM	GRC	TUR	ITA	RUS	NOR
8º	DEU	CHE	ARM	ARM	AZE	BIH	GRC	IRL	DEU	MLT	NOR	ISR
9º	BIH	NOR	GRC	HUN	ISR	ARM	GEO	GEO	ITA F	NLD	DEN	SRB
10º	ESP	DEN	IRL	MDA	BIH	RUS	UKR	DEU	ESP F	MDV	ESP	GEO

Representante	Top 10	Top 3	Vencedor
Feminino	52/120= 43,30%	16/36= 44,44%	7/12= 58,33%
Masculino	39/120= 32,50%	11/36= 30,55%	3/12= 25%
Grupo	15/120= 12,50%	5/36= 13,88%	1/12= 8,33%
Duo	14/120= 11,66%	4/36= 11,11%	1/12= 8,33%

Anexo I – T-test para a igualdade das médias

	Últimas_Atuações	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
Média	Primeiras atuações	32	12,3867	2,96287	,52377
	Últimas atuações	32	9,4531	2,69029	,47558

	Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
	F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
								Lower	Upper
Equal variances assumed	1,308	,257	4,147	62	,000	2,93359	,70747	1,51939	4,34780
Equal variances not assumed			4,147	61,431	,000	2,93359	,70747	1,51913	4,34806

Pressupostos: Homogeneidade da Variância

Levene = 1,308 $p > 0,05$. No entanto como estamos perante um $N > 20$ é possível assumir que o pressuposto da homogeneidade da variância está assegurado.

Anexo J - Equivalências dos códigos ISO 3166 alpha-3.

ALB	Albânia	ISL	Islândia
AND	Andorra	ISR	Israel
ARM	Arménia	LTU	Lituânia
AUT	Áustria	LVA	Letónia
AZE	Azerbaijão	MCO	Mónaco
BEL	Bélgica	MDA	Moldávia
BGR	Bulgária	MKD	ARJ Macedónia
BIH	Bósnia e Herzegovina	MLT	Malta
BLR	Bielorrússia	MNE	Montenegro
CHE	Suíça	NLD	Países Baixos
CYP	Chipre	NOR	Noruega
DEU	Alemanha	POL	Polónia
DNK	Dinamarca	PRT	Portugal
ESP	Espanha	ROU	Roménia
EST	Estónia	RUS	Rússia
FIN	Finlândia	SCG	Sérvia e Montenegro
FRA	França	SMR	São Marino
GBR	Reino Unido	SRB	Sérvia
GEO	Geórgia	SVN	Eslovénia
GRC	Grécia	SWE	Suécia
HRV	Croácia	TUR	Turquia
HUN	Hungria	UKR	Ucrânia
IRL	Irlanda	YUG	Jugoslávia

Fonte: https://www.e-financas.gov.pt/ajuda/DGCI/PAIS%203_2007.pdf

Anexo K- Polêmicas envolvendo a Arménia e o Azerbaijão no Festival Eurovisão.

A porta-voz das pontuações arménias a segurar numa prancheta com um monumento da região em disputa com Azerbaijão (com o mesmo a aparecer no fundo) durante a grande final do Festival de 2009, como retaliação aos protestos azeris por este monumento ter aparecido no *postcard* arménio (quando o Azerbaijão reclama a soberania sobre essa zona).



Iveta Mukuchyan, representante da Arménia no Festival Eurovisão da Canção 2016 a segurar na bandeira da zona em disputa do Nagorno-Karabakh enquanto apela ao voto popular na sua canção.



Curriculum Vitae

INFORMAÇÃO PESSOAL



Tiago Filipe Rodrigues Batista

📍 Rua Augusto Nobre nº3 1º Dto, 2790-200 (Portugal)

✉ tiagofr_batista_11@hotmail.com

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

30/11/2015–29/02/2016

Estágio na produção da BTV

Benfica TV, Lisboa (Portugal)

Na primeira parte do estágio desempenhei funções como assistente de exteriores, auxiliando na gravação de programas e conteúdos desportivos desenvolvidos fora dos estúdios da BTV, enquanto na segunda parte do estágio trabalhei como assistente de produção, ajudando na programação e desenvolvimento de alguns conteúdos da grelha da BTV.

EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

24/09/2011–22/06/2014

Licenciatura em Ciência Política

Nível 6 QRQ

Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa - Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa (Portugal)

Mobilidade Internacional (Programa Erasmus) na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Salamanca durante o 1º semestre do ano letivo de 2013/2014.

22/09/2014–31/10/2016

Mestrado em Comunicação, Culturas e Tecnologias de Informação

Nível 7 QRQ

Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa - Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa (Portugal)

COMPETÊNCIAS PESSOAIS

Língua materna português

Outras línguas

inglês

espanhol

COMPREENDER		FALAR		ESCREVER
Compreensão oral	Leitura	Interação oral	Produção oral	
B1	B1	A2	A2	A2
C1	C1	C1	C1	C1

Diploma Español Lengua Extranjera (C1)

Níveis: A1 e A2: Utilizador básico - B1 e B2: Utilizador independente - C1 e C2: Utilizador avançado
Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas

Carta de Condução

B

**INFORMAÇÃO
ADICIONAL**

Cursos

Participei no curso “Ser investigador em Ciências Sociais” do Instituto das Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, durante o verão de 2009.

Certificações

Frequência no *Workshop* de Dobragens tipo I (animação) e tipo II (anime e figura viva) na empresa Dialectus, durante o ano de 2013.